

COLEÇÃO APLAUSO TEATRO BRASIL



PEQUENO
POEMA
INFINITO

palavras de
FEDERICO
GARCÍA LORCA

roteiro de
JOSÉ MAURO
BRANT e
ANTONIO
GILBERTO

direção de
ANTONIO
GILBERTO

FEDERICO GARCÍA LORCA

imprensa oficial

Federico García Lorca

Pequeno Poema Infinito

Federico García Lorca

Pequeno Poema Infinito

Palavras de
Federico García Lorca

Roteiro de
José Mauro Brant e Antonio Gilberto

Tradução de
Roseana Murray

imprensaoficial

São Paulo, 2009



Governador José Serra

imprensa**o**ficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso
Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *Não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto

social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as conseqüências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua

vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

A los señores de la casa. Planes. de la casa.
de la casa de la casa

P. S. O.

1920



Introdução

Revelar a alma de Federico García Lorca foi o nosso objetivo. Para realizarmos essa difícil missão foi necessário um mergulho profundo em sua vida e obra. Cada um de nós, viajantes, chegou com sua própria bagagem de leituras e vivências em torno do poeta. Já estávamos prontos para iniciar o mergulho no poético universo lorquiano.

A primeira escolha nesse caminho foi a de utilizar somente palavras do próprio García Lorca. Apesar da nossa paixão pela sua obra dramática e poética descobrimos que não era esse o caminho e sim o de seus textos mais pessoais: cartas, entrevistas, conferências, memórias de infância e fragmentos esparsos nos quais o autor revela um pouco de sua visão íntima do mundo.

Durante meses trilhamos pelos caminhos abertos pelas suas obras completas e por todas as outras leituras que nos chegaram ao longo da busca. Um vasto material foi reunido, o suficiente para realizarmos vários roteiros sobre o poeta. Precisávamos de uma ideia que fosse o nosso chão, o mapa da nossa viagem. Granada. Nada poderia ser melhor do que a terra natal do nosso personagem como ponto de partida do espetáculo que desejavamos construir.

Descobrimos uma conferência do autor nos anos 30 chamada *Como Canta Uma Cidade de Novem-*

bro a Novembro em que Granada é contada por meio das estações do ano. Era o que faltava para traçarmos o itinerário de nossa viagem.

Concluimos que a conferência seria a situação dramática perfeita para que a voz do poeta surgisse de uma forma direta sem quarta parede. Agora precisávamos construir um discurso que tocasse as diversas faces da alma de nosso personagem. Começamos a tecer uma colcha composta pelos retalhos de sua vida, fundamentais à sua obra.

E assim chegamos a este roteiro, sempre com a preocupação de convidar o público a uma viagem literária pelo imaginário poético de Lorca. Espectadores se transformando em leitores. E agora, leitores virando espectadores.

12

Boa viagem!

José Mauro Brant

Antonio Gilberto





Federico García Lorca

Pequeno Poema Infinito

Prólogo

Senhoras e senhores:

Desde o ano de 1918, quando ingressei na Residência dos Estudantes de Madri, até 1928 ano em que a abandonei, terminados meus estudos de Filosofia e Letras, ouvi naquele refinado salão onde a velha aristocracia espanhola ia para corrigir sua frivolidade de praia francesa, cerca de mil conferências.

15

Com desejo de ar e de sol, eu me entediei tanto que ao sair me senti coberto por uma leve cinza quase a ponto de converter-se em pimenta de tanta irritação.

Não. Não quero que entre nesta sala a terrível mosca do tédio que une todas as cabeças por um tênue fio de sono e põe nos olhos dos ouvintes uns grupos diminutos de pontas de alfinete.

De modo simples, com o registro que em minha voz poética não tem luzes de madeiras nem ân-

gulos de cicuta, nem ovelhas que subitamente são facas de ironias, vou ver se posso lhes dar uma simples lição sobre o espírito oculto da dolorida Espanha.

(...) Como uma criança que mostra cheia de assombro a sua mãe vestida de cor viva para uma festa, assim quero lhes mostrar hoje a minha cidade natal. A cidade de Granada. Para isso tenho que usar exemplos de música e os tenho que cantar. Isso é difícil porque eu não canto como cantor mas como poeta, ou melhor, como um moço simples que vai guiando os seus bois. Tenho pouca voz e a garganta delicada. Assim, não há nada de estranho se me acontecer de desafinar como um galo. Mas se isso acontecer tenho certeza de que não será o galo corrosivo dos cantores, que lhes pica os olhos e destrói sua glória, mas eu o transformarei em um pequeno galinho de prata que porei amorosamente sobre o doce colo da garota (...) mais melancólica que exista neste salão.

Um granadino cego de nascimento e ausente muitos anos da cidade saberia a estação do ano pelo que ouve cantar nas ruas.

Hoje, não vamos levar nossos olhos na visita. Vamos deixá-los sobre um prato de neve para que Santa Luzia não fique vaidosa.

Todos os viajantes são distraídos. Por que empregar sempre a vista e não o olfato ou o paladar para estudar uma cidade? (...)

(...) Em todos os passeios que dei pela Espanha, um pouco cansado de catedrais, de pedras mortas, de paisagens com alma, me pus a buscar os elementos vivos, perduráveis, onde o minuto não se congela, que vivem num presente trêmulo. Entre os infinitos que existem, segui dois: as canções e os doces. Enquanto uma catedral permanece cravada em sua época, dando uma expressão contínua de ontem à paisagem sempre movediça, uma canção salta de repente desse ontem para o nosso instante, viva e pulsante como uma rã, com sua alegria e sua melancolia recentes, incorporada ao panorama como arbusto novo, trazendo a luz viva das horas velhas, graças ao sopro da melodia.

Para conhecer o palácio de Alhambra em Granada, por exemplo, antes de percorrer seus pátios e suas salas, é muito mais útil, mais pedagógico,

comer o delicioso alfajor de *Zafra* ou as tortas *Alajú* das freiras, que dão com seu aroma e sabor, a temperatura autêntica do palácio quando estava vivo, assim como a luz antiga e os pontos cardeais do temperamento de sua corte.

Na melodia, como no doce, se refugia a emoção da história, sua luz permanente sem datas nem feitos. O amor e a brisa do nosso país chegam nas toadas ou na rica pasta do torrone, trazendo a vida viva das épocas mortas, ao contrário das pedras, dos sinos, das grandes personalidades e ainda da linguagem.

Assim, pois, vamos ouvir a cidade de Granada.

Granada

O ano tem quatro estações: inverno, primavera, verão e outono.

Granada tem dois rios, oitenta campanários, quatro mil canais, cinquenta nascentes, mil e uma fontes e cem mil habitantes. Tem uma fábrica de construir violões e bandolins, uma loja onde vendem pianos e acordeões e armônicas e sobretudo tambores. Tem dois passeios para cantar, o *Salão* e a *Alhambra* e um para chorar, a *Alameda dos Tristes*, verdadeiro vértice de todo o romantismo europeu. (...)

19

A serra põe um fundo de pedra ou um fundo de neve ou um fundo de verde-sonho sobre as canções que não podem voar, que se deixam cair sobre os telhados onde queimam sua escalas na luz ou se afogam nas secas espigas de julho.

Estas cantigas são a fisionomia da cidade e nelas vamos ver seu ritmo e sua temperatura.

Vamos nos aproximando com os ouvidos e o olfato e a primeira sensação que temos é um cheiro de junco, hortelã, de mundo vegetal su-

avemente amassado pelas patas das mulas e cavalos e bois que vão e vêm em todas as direções pela várzea. Em seguida o ritmo da água. Mas não uma água louca que vai aonde quer. Água com ritmo e não com rumor, água medida, justa, seguindo um canal geométrico e executado a compasso em uma obra de irrigação. Água que rega e canta aqui embaixo e água que sofre e geme cheia de diminutos violinos brancos lá no alto da Alhambra.

20

Não há jogo de água em Granada. Isso fica para Versalhes, onde a água é um espetáculo, onde é abundante como o mar, orgulhosa arquitetura mecânica e não tem o sentido do canto. A água de Granada serve para apagar a sede. É água viva que se une a quem a bebe ou àquele que a ouve , ou a quem deseja morrer nela.(...)

Depois há dois vales. Dois rios. Neles a água já não canta, é um surdo rumor, uma névoa misturada com os sopros de vento que a serra envia.

Mas tudo justo, com sua proporção humana. Ar e água em pouca quantidade, o necessário para nossos ouvidos. Essa é a distinção e o encanto de Granada. Coisas para dentro de casa, pátio

pequeno, música pequena, água pequena, ar para que baile sobre nossos dedos.(...)

Granada ama o diminutivo. A linguagem do povo põe os verbos no diminutivo. Nada tão incitante para a confiança e o amor. Diminutivo assustado como um pássaro, que abre câmaras secretas de sentimento e revela o mais definido matiz da cidade.

O diminutivo não tem maior missão do que limitar, apertar, trazer para o quarto e pôr em nossa mão os objetos ou ideias de grande perspectiva.

Se limita o tempo, o espaço, o mar, a lua, as distâncias e até o prodigioso: a ação.

Não queremos que o mundo seja tão grande nem o mar tão fundo. Há necessidade de limitar, de domesticar os termos imensos.

(...) O granadino vê as coisas com os binóculos ao contrário. Por isso Granada nunca produziu heróis, por isso Boabdil, o mais ilustre granadino de todos os tempos, a entregou aos castelhanos. (...)

Granada está feita para a música porque é uma cidade encerrada, uma cidade entre serras onde

a melodia é devolvida e lapidada e retida por paredes e pedras. Granada não pode sair da sua casa. Não é como as outras cidades que estão à margem do mar ou dos grandes rios, que viajam e voltam enriquecidas com o que viram. Sevilha e Málaga e Cádiz escapam por seus portos e Granada não tem mais saída do que seu alto porto natural de estrelas. Está recolhida, apta para o ritmo e o eco, medula da música.

22

Sua expressão mais alta não é a poética mas a musical. (...) Por isso Granada não tem como Sevilha, cidade de D.Juan, cidade do amor, uma expressão dramática, mas sim lírica. (...) E se em Sevilha o elemento humano domina a paisagem e entre quatro paredes passeiam Don Pedro e D.Alonso e o Duque Otávio de Nápoles e Fígaro e Mañara, em Granada passeiam os fantasmas por seus dois palácios vazios e a espada se converte numa formiga lenta que corre por um piso infinito de mármore e a carta de amor em um punhado de grama e a espada num bandolim delicado que só aranhas e rouxinóis se atrevem a tocar.





Outono

Chegamos a Granada lá pelo final de novembro. Há um cheiro de palha queimada e as folhas, aos montes, começam a apodrecer. Chove e as pessoas estão em suas casas. Mas no meio da Porta Real há várias lojinhas de tambores. (...) Uma Menina de Armilla ou de Santa Fé ou de Atarve, empregada, compra uma *zambomba* e canta esta canção:

Los Cuatro Muleros Os Quatro Muleiros

1

*De los cuatro muleros
que van al campo,
el de la mula torda,
moreno y alto.*

1

*Dos quatro muleiros
que vão ao campo,
o da mula malhada,
moreno e alto.*

25

2

*De los cuatro muleros
que van al agua,
el de la mula torda
me roba el alma.*

2

*Dos quatro muleiros
que vão buscar água,
o da mula malhada
me rouba a alma.*

3

*De los cuatro muleros
que van al río,
el de la mula torda
es mi marío.*

3

*Dos quatro muleiros
que vão ao rio
o da mula malhada
é meu marido.*

4

*¿A qué buscas la lumbre
la calle arriba,
si de tu cara sale
la brasa viva?*

4

*Por que buscas o lume
na rua de cima,
se da tua cara
sai a brasa viva?*

26

Estes quatro muleiros são cantados por toda a multidão de povoados que rodeiam a cidade, na coroa de povos que sobem pela serra. Canção que os mouros levaram de Granada para a África, onde ainda hoje em Túnis se ouve assim:

(música de Mouros ao piano)

Minha Aldeia

Nasci em Fuente Vaqueros, uma aldeia muito quieta e perfumada na várzea de Granada. Tudo o que nela acontecia e todos os seus sentimentos e sensações passam hoje por mim velados pela nostalgia da infância e pelo tempo.

O casario é pequeno e branco e está todo beijado de umidade. A água dos rios, pelas manhãs ao evaporar-se, o cobre de gases frias, tão de prata e níquel, que quando sai o sol, de longe, parece uma grande pedra preciosa. Logo, ao meio dia, as névoas se dissipam e se vê o casario dormindo sobre uma manta verde. A torre da igreja é tão baixa que não se destaca das casas e quando soam os sinos, parece que o fazem desde o coração da terra.

Ao aproximar-se há um cheiro imenso de erva-doce e aipo silvestre que vivem nas noites. Com a lua, as estrelas e as roseiras em flor, formam uma essência divina que faz pensar no espírito que as criou. Nestas noites os homens sentem mais os bordões sangrentos de um violão...

A aldeia está formada por uma grande praça bordeada de bancos e álamos e várias ruelas

escuras e medrosas onde o inverno põe os fantasmas e aparições. A praça é larga e de um lado está a igreja com seus frisos de ninhos e vespeiros. Na porta há uma cruz de madeira com um lampião coberto de teias de aranha e cercada de louros e trepadeiras. Coroando a fachada está a Virgem das Paridas com o seu menino nos braços, carcomida de umidade e carregada de ex-votos e medalhas ..

28

Na frente da igreja está a casa onde eu nasci. É grande, pesada, majestosa em sua velhice... Tem um escudo no portal e umas grades que soam como sinos. Quando criança, meus amiguinhos e eu tocávamos nelas com uma barra de ferro e seu som nos deixava loucos de alegria (...) e fingíamos tocar pelo fogo, pelos mortos, pelos batizados... Por dentro a casa é fria e baixa. Nos seus balcões as professoras diziam versos e cantares quando passava a Virgem do Amor Formoso e eu era o rei com uma bengala na mão.

Nessa aldeia tive a minha primeira fantasia de distância. Nesta aldeia serei terra e flores... Suas ruas, suas gentes, seus costumes, sua poesia e

sua maldade serão como o andaime onde se aninharão minhas ideias de menino fundidas no cadinho da puberdade.





Inverno

Mas dezembro avança, o céu fica limpo, chegam as manadas de perus e um som de pandeiros, chocalhos e zambombas se apodera da cidade. Pelas noites dentro das casas fechadas se continua ouvindo o mesmo ritmo, que sai pelas janelas e chaminés como se nascessem diretamente da terra. As vozes vão subindo de tom, as ruas se enchem de quiosques iluminados, de grandes montes de maçãs, os sinos da meia-noite se unem com os sininhos que as freiras tocam ao nascer do dia, a Alhambra está mais escura do que nunca.

31

(...) Já estão as freiras Tomasas colocando em São José um chapéu de cor amarela e na Virgem uma mantilha com seu pente de prender o cabelo. Já estão as ovelhas de barro e os cachorrinhos de lã subindo pelas escadas em direção ao musgo artificial. Começam a soar os raladores e tampas de panelas e todos os utensílios de cobre cantam o alegríssimo romance dos peregrinitos:

Romance de los Peregrinitos

*Hacia Roma caminan
dos pelegrinos,
a que los casa el Papa
porue son primos.*

*Sombrierito de hule
Lleva el mozuelo,
Y la pelegrinita,
De terciopelo*

*Al passar por el puente
De la Victoria,
Tropezó la madrina,
Cayó la novia.
(...)*

32

Cantam as pessoas nas ruas em grupos alegres, cantam as crianças com as criadas, cantam as rameiras bêbadas nessas carruagens com as cortinas fechadas, cantam os soldados quando se lembram de suas aldeias enquanto se deixam pintar nas margens dos rios.

É a alegria da rua e a humor andaluz e a sutileza inteira de um povo cultíssimo.

*Las campanas de Roma
ya repicaron,
Porque los pelegrinos
Ya se han casado.*





Infância

As emoções da infância estão em mim. Ainda não saí delas. (...)

Sou um pobre garoto apaixonado e silencioso que, quase como o maravilhoso Verlaine, tenho dentro uma açucena impossível de regar e apresento aos olhos bobos dos que me olham uma rosa muito encarnada, que não é a verdade do meu coração. (...) Meu tipo e meus versos dão a impressão de algo formidavelmente passional... entretanto, no mais fundo da minha alma há um desejo enorme de ser bem menino, bem pobre, bem escondido.

Minha vida? Será que eu tenho uma vida?

Contar minha vida seria falar do que sou e a vida de uma pessoa é o relato do que se foi. As lembranças, até da minha mais longínqua infância, são em mim, apaixonado tempo presente.

E vou contar. É a primeira vez que falo disso, que sempre foi só meu, íntimo, tão privado, que nem eu mesmo nunca quis analisar. Quando eu era criança, vivia em pleno ambiente de natureza.

Como todas as crianças, conferia a cada coisa, móvel, objeto, árvore, pedra, a sua personalidade. Conversava com elas e as amava. (...)

No quintal da minha casa havia umas árvores, uns choupos. Uma tarde imaginei que os choupos cantavam para mim. O vento, ao passar por seus ramos, produzia um ruído que variava de tom e que a mim me pareceu musical. E eu costumava passar as horas acompanhando com a minha voz a canção dos choupos... Outro dia me detive assombrado. Alguém pronunciava meu nome, separando as sílabas como se soletrasse: “Fe...de...ri...co...” Olhei para todos os lados e não ví ninguém. Entretanto, em meus ouvidos seguiam sussurrando o meu nome. Depois de escutar por um longo tempo, encontrei a razão. Eram os ramos de um velho salgueiro que ao roçar-se produziam um ruído monótono, queixoso, que parecia meu nome. (...)

A criação poética é um mistério indecifrável, como o mistério do nascimento do homem. Se ouvem vozes não se sabe de onde e é inútil preocupar-se de onde elas vêm. Como não me preocupei em nascer, não me preocupo em mor-

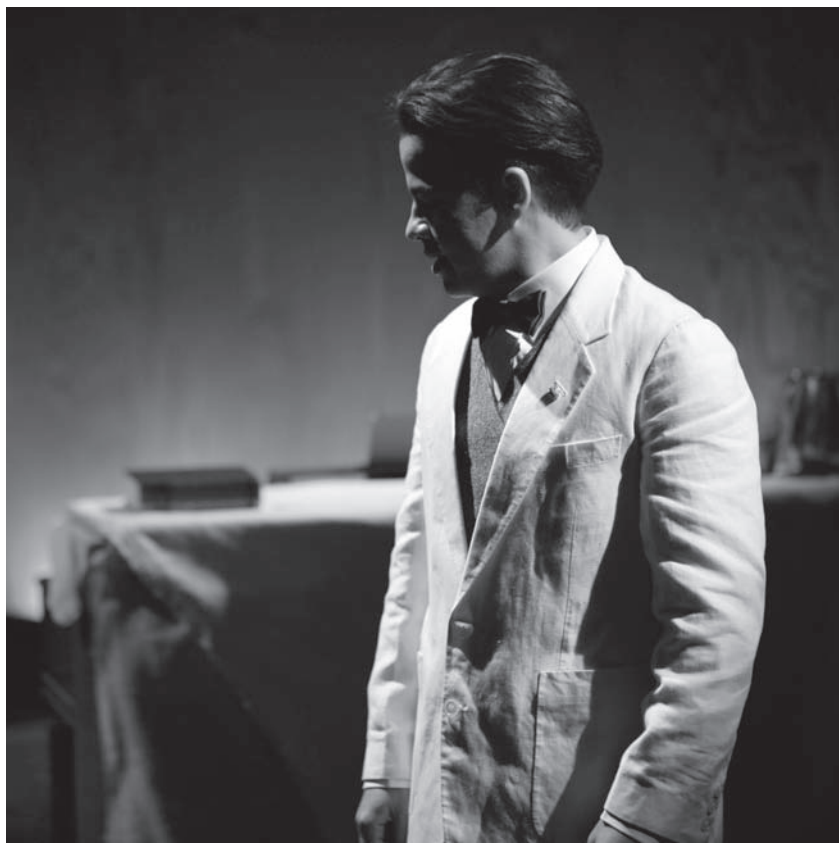
rer. Escuto a Natureza e ao homem com assombro, e copio o que me ensinam sem pedantismo e sem dar às coisas um sentido que não sei se elas têm. Nem o poeta nem ninguém tem a chave e o segredo do mundo. (...)

Amo a Terra. Me sinto ligado a ela em todas as minhas emoções. Minhas mais longínquas lembranças de criança têm sabor de terra. A terra, o campo, fizeram grandes coisas na minha vida. Os bichos da terra, os animais, a gente camponesa, têm ideias que chegam a muito poucas pessoas. Eu as capto agora com o mesmo espírito dos meus anos infantis. Caso contrário não teria podido escrever *Bodas de Sangue* e não teria começado minha próxima obra *Yerma*. Este Amor a Terra me fez conhecer a primeira manifestação artística. É uma breve história digna de se contar.

Foi lá pelo ano de 1906. Minha terra de agricultores havia sido sempre arada por velhos arados de madeira que apenas arranhavam a superfície. E naquele ano, alguns lavradores compraram os novos arados Bravant – o nome ficou para sempre em minha lembrança. Eu, menino curioso, seguia por todo o campo o vigoroso arado da

minha casa. Eu gostava de ver como a enorme pá de aço abria um talho na terra, talho de onde saiam raízes em lugar de sangue. Uma vez o arado se deteve. Havia tropeçado em algo consistente. Um segundo mais tarde, a folha brilhante de aço tirava da terra um mosaico romano. (...)

Esse meu primeiro assombro artístico está unido a terra. (...) Minhas primeiras emoções estão ligadas a terra e aos trabalhos do campo. Por isso há na minha vida um complexo agrário, como chamariam os psicanalistas.





Pobreza

Na terra encontro uma profunda sugestão de pobreza. E amo a pobreza por sobre todas as coisas. Não a pobreza sórdida e faminta, mas a pobreza bem-aventurada, simples, humilde como o pão moreno.

Faz alguns anos, passeando pelas imediações de Granada, ouvi uma mulher do povo cantar enquanto adormecia o seu menino. Uma canção cheia de uma melancolia oculta. Sempre havia notado a aguda tristeza das canções de ninar do nosso país; mas nunca senti essa verdade tão concreta. Ao me aproximar da cantora para anotar a canção observei que era uma andaluza bonita, alegre, sem o menor traço de melancolia; mas uma tradição viva trabalhava nela e executava o seu mandado fielmente, como se escutassem as velhas vozes imperiosas que patinavam por seu sangue.

Quem a canta? Esta é a voz mais pura de Granada, a voz elegíaca, o choque do Oriente com o Ocidente em dois palácios quebrados e cheios de fantasmas. O de Carlos V e a Alhambra.

Nana de Sevilla
Este galagaguito
no tiene mare.
lo parió una serrana,
lo echó a la calle.

Acalanto de Sevilla
Este nenenzinho
Não tem mãe
O pariu uma cigana
E o deixou na rua

42

No povoado vivia uma menina loura, queimada pelo sol. Em sua boca tinha sangue e brilho de lua e seus olhos eram muito pequenos, com pontinhos de ouro e prado... Duas longas tranças que lhe chegavam até os pés, um vestido vermelho com bolinhas brancas... Uma flor no cabelo e as mãos cortadas de tanto lavar as roupas de seus irmãos nas águas da várzea. Seu pai era um pobre diarista que estava reumático pelo trabalho e pela umidade, e a mãe, que tinha trinta anos, parecia que tinha cinquenta por causa das dores e da fecundidade de suas entranhas. E então a mãe ia até a minha casa suplicar que, pelo amor de Deus, a ama que estava criando o meu irmão

fosse até a sua casa para que seu bebê mamasse um pouquinho porque senão morreria de fome. Minha mãe ordenava que fosse imediatamente e quando a ama chegava e botava o menino em seus joelhos, enquanto tirava suas grandes tetas brancas com veias azuis, o bebê suspirava ofegante, rindo e chorando. Como isso acontecia com muita frequência, fiz uma grande amizade com a menina e pelas tardes ia até lá para levar esmolas da minha mãe, para ver a nascente que tinha no terreno e recolher pedrinhas brancas que pareciam cristal. Me dava tanta pena ver aquela casa toda escura e cheia de sujeira!...

43

O chão era de terra e o teto de bambus... Os únicos móveis que possuíam eram uma mesa dobrável, umas quantas cadeiras desconstruídas, um candeeiro enferrujado e um quadro muito grande da Virgem que estava entre nuvens escuras, cuja umidade e poeira haviam convertido num monstruoso borrão. Quando chegava naquele antro de miséria e honradez, a mãe, com os cabelos duros e desgrenhados, se levantava como um espectro e limpando a boca, me beijava com temor... Aquela mártir da vida e do trabalho tinha uma suavidade na voz e um olhar tão

doce que teríamos que ser como cães raivosos para não nos compadecermos e chorarmos o seu calvário... Aquela mulher, cujo ventre havia guardado tantas vidas para logo vê-las morrer de fome e de miséria, aquela santa destroçada por um homem e sacrificada por seus filhos era tão grande, tão majestosa e tão resignada que eu sentia diante dela temor por sua figura e amor por sua vida de tantas dores.

Muitas vezes me dizia: *Menino, amanhã não venha, porque temos que lavar a roupa...* E eu não ia. Que tragédias tão fundas e tão caladas! Não podia ir porque estavam desnudas e tremendo de frio, lavando os seus farrapos, os únicos que tinham...

44

(...) Quando voltava para minha casa e olhava o armário cheio de roupas limpas e perfumadas, sentia uma grande inquietude e um peso frio no coração... (...)

Por muito tempo que passe, por muitas coisas que passem pela minha alma, nunca se apagará, nunca se borrará da minha alma a imagem daquela mãe. Os ossos rompendo-lhe a roupa e seu olhar vindo do além...

sobretudo o seu olhar estará como uma lembrança eterna por ser a primeira impressão trágica que tive da miséria... Na Andaluzia, nestes povoados carregados de cheiro e som, todas as mulheres pobres morrem da mesma coisa, de dar vidas e mais vidas.

(...) Digo isso porque me criei entre essas vidas de dor. (...) Quantas vezes vi o enterro de uma mãe com o filho entre suas pernas, ambos mortos de miséria e falta de assistência... (...) Os enterros que de pequeno me entusiasmavam por suas caixas brancas e suas gases e flores, hoje eu vejo passar e fecho os olhos espantado, porque dentro daquele corpo frio, quem sabe que coração haveria? (...) Todas estas lembranças tristes me vêm ao pensar na casa da minha amiguinha loura, porque nela todos os anos nascia um e morria outro... (...)

Não faz muito tempo eu vi minha amiguinha loura... e quase comecei a chorar... Porque em seus olhos já existe a expressão de sua mãe e caminhava com duas crianças, uma mamando e outra descalça, levada pela mão. Ah minha amiguinha loura! Você será como sua mãe. Suas

filhas serão como você. E quando eu penso nisso,
mergulho num grande caos espiritual...

<i>Este niño chiquito</i>	<i>Esse pequenininho</i>
<i>no tiene cuna.</i>	<i>Não tem berço</i>
<i>Su padre es carpintero</i>	<i>Seu pai é carpinteiro</i>
<i>y le hará una</i>	<i>E fará um</i>

Primavera

O último estribilho escapa e a cidade fica adormecida nos gelos de janeiro.

Para fevereiro, como o sol brilha e tira o mofo, as pessoas saem ao sol e levam merendas e penduram redes nas oliveiras onde se ouve o mesmo ui-ui das montanhas do norte.

Os meninos crescidos se abaixam para ver as pernas das meninas que estão no balanço, os maiores com o rabo do olho. O ar ainda está frio.

47

Agora as ruas dos arrabaldes estão tranquilas. Alguns cachorros, o ar das oliveiras e de repente, *plas!* Um balde de água suja que jogam de uma porta. Mas os olivais estão carregados.

O povo canta nos arredores de Granada com a água oculta sob um leve tempero de gelo.

A los olivaritos

Às oliveiras

Voy por las tardes

vou pelas tardes

A ver cómo menea

para ver como se move

*la hoja el aire,
la hoja el aire,
A los olivaritos
Voy por las tardes*

*a folha o ar,
a folha o ar,
Às oliveiras
vou pelas tardes*

A mais pura sobrevivência clássica anima esses cantos dos olivais.

Ao anoitecer voltam as pessoas das plantações e em muitos lugares prossegue a reunião com timidez.

48

Mas ao chegar a primavera e os brotos verdes das árvores, começam a abrir-se as varandas e a paisagem se transforma de um modo insuspeitado. Chegamos da neve para cair (...) em todos os perfis do sul.

E as meninas começam a estar nas ruas e na minha infância um poeta vulgar a quem chamavam Miracéu ia sempre sentar-se em um banco dos jardins:

A Poesia

*Se encheu de luzes
Meu coração de seda,
De sinos perdidos
De lírios e de abelhas,
E eu irei muito longe
Para além destas serras,
Para além dos mares
Perto das estrelas
Para pedir a Cristo
Senhor que me devolva
Minha alma antiga de menino,
Madura de lendas,
Com gorro de plumas
E o sabre de madeira*

49

Mas o que vou dizer da poesia? O que vou dizer destas nuvens, deste céu? Olhar, olhar, olhá-las, olhá-lo e nada mais. Compreenderás que um poeta não pode dizer nada da poesia. Isso a gente deixa para os críticos e professores. Mas nem você nem eu nem nenhum poeta sabemos o que é a poesia.

Aqui está: olha. Tenho o fogo em minhas mãos. Eu o entendo e trabalho com ele perfeitamente, mas não posso falar dele sem literatura.

A literatura é a literatura e aquele que se empenhe visceralmente em ser literato demonstra ser completamente bobo. A vida está cheia de caminhos e em todos há coisas amargas e doces para a gente encontrar.

A poesia é algo que anda pelas ruas. Que se move, que passa ao nosso lado. Todas as coisas têm o seu mistério e a poesia é o mistério que contém todas as coisas. Se passamos junto de um homem, se olhamos uma mulher, se adivinhamos a marcha oblíqua de um cão, em cada um desses objetos humanos está a poesia.

50

Por isso não concebo a poesia como abstração, mas sim como uma coisa real existente, que passou junto de mim. Todas as pessoas dos meus poemas existiram. O principal é encontrar a chave da poesia. Quando se está mais tranquilo, então, zás, se abre a chave e o poema aparece com sua forma brilhante.

(...) A poesia não tem limites. Pode nos esperar sentada na soleira da porta, nas madrugadas frias quando se volta com os pés cansados e a gola do casaco levantada. Pode estar nos esperando na água de uma fonte, trepada na flor de

uma oliveira, posta para secar no pano branco estendido no terraço da casa. O que não se pode fazer é propor uma poesia com rigor matemático. Daquele que vai comprar um litro e meio de azeite. (...) Estamos num lago asfixiante de vulgaridade e sobre ele quero que minha cavaleira fantástica vá até o templo do magnífico com as velas infladas de neve e de sol. Eu sou como uma ilusão antiga feita carne e ainda que meu horizonte se perca em crepúsculos formidáveis de enamoramentos, tenho uma corrente como Prometeu e me custa muito trabalho arrastá-la... em vez de águia, uma coruja me rói o coração. (...)

51

Porque não sou um homem, nem um poeta, nem uma folha, mas sim um pulso ferido que sonda as coisas do outro lado.(...)

Sou um grande romântico e este é o meu maior orgulho. Num século de zepelins e de mortes estúpidas, soluço diante do meu piano sonhando na bruma Haendeliana e faço versos muito pessoais cantando tanto para Cristo quanto para Buda, Maomé ou Pan. Por lira tenho meu piano e em vez de tinta, suor de desejo, pó-

len amarelo da minha açucena interior e meu grande amor.

(...)

Há que ser religioso e profano. Reunir o misticismo de uma severa catedral gótica com a maravilha da Grécia pagã. Ver tudo, sentir tudo. Na eternidade teremos o prêmio por não haver tido horizontes. (...)

52

Temos que amar a lua sobre o lago da nossa alma e fazer nossas meditações religiosas sobre o abismo magnífico dos crepúsculos abertos... porque a cor é a música dos olhos...

Há que sonhar. Pobre daquele que não sonha, pois nunca verá a luz..

Compreendo que tudo isso é muito lírico, demasiadamente lírico, mas o lirismo é o que me salvará diante da eternidade

Me sinto cheio de poesia, poesia forte, simples, fantástica, religiosa, má, funda, canalha, mística. Tudo, tudo. Quero ser todas as coisas. Bem sei que a aurora tem a chave escondida em bosques raros, mas eu a saberei encontrar.



Verão

De maio a junho Granada é um tocar de sinos incessante. Os estudantes não podem estudar. Duas comadres se encontram na saída do Humilladero, por onde entraram os reis católicos:

*Comadre, de dónde vienes?
Comadre, vengo de Granada.
Comadre, qué pasa allí?
Comadre, no pasa nada,
están haciendo cestillos
y repicando las campanas.*

54

*Comadre, de onde vens?
Comadre, venho de Granada.
Comadre, o que passa aí?
Comadre, não passa nada,
Estão fazendo cestinhos
E repicando os sinos.*

Na praça de Bibarrambla os sinos da catedral, sinos submarinos com algas e nuvens, não deixam falar os camponeses. Os sinos de San Juan de Dios lançam no ar um retábulo barroco de lamentos e socos de bronze e no entanto a Alhambra está mais sozinha do

que nunca, mais vazia do que nunca, esfolada, morta, alheia à cidade, mais longínqua do que nunca. Mas nas ruas há carrocinhas de sorvete, barracas de pão de azeite com passas e gergelim e homens que vendem quebra-queixos de mel com grão-de-bico.

Logo as granadinas com seus formosos braços desnudos e seus ventres como magnólias escuras abrem na rua guarda-sóis verdes, laranjas, azuis, entre o frenesi das iluminações e dos violinos e dos carros enfeitados...

Pelo lado da rua da Elvira, da Velhíssima:

55

*Rua da Elvira
Onde vivem as manolas
As que sobem a Alhambra
As três e as quatro sozinhas,
Calle de Elvira
donde viven las manolas,
las que suben a la Alhambra
las tres y las cuatro solas,*

Ali, cantam essa canção:

Canción de otoño en Castilla

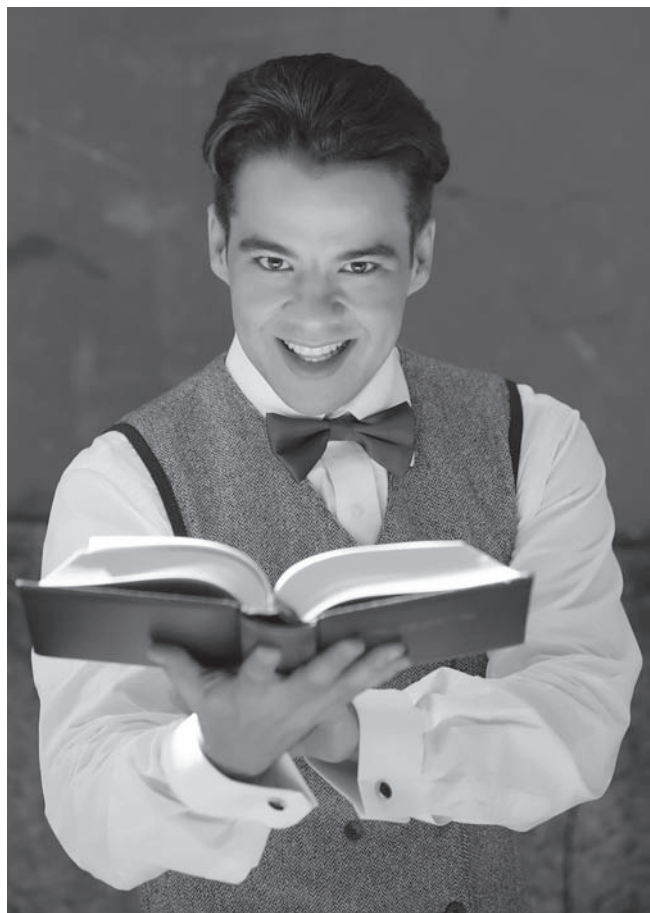
*A los árboles altos
Los lleva el viento
Y a los enamorados
El pensamiento.*

Me digam vocês se isso não é de uma grande beleza. Quer mais poesia que isso? Já podemos nos calar, todos que escrevemos e pensamos poesia diante dessa magnífica poesia que “fizeram” os camponeses.

56

Mas já não lhes disse que as canções vivem? Pois esta viveu nos lábios do povo e o povo a embelezou, a completou, a depurou até chegar a essa maravilha que temos hoje diante de nós. Porque isso cantam os camponeses. Nas casas da cidade não se canta isso.

Neste momento dramático do mundo, o artista deve chorar e rir com o seu povo. Há que deixar o ramo de açucenas e se enfiar na lama até a cintura para ajudar os que buscam as açucenas. Particularmente tenho uma ânsia verdadeira em comunicar-me com os demais. Por isso bati nas portas do teatro e ao teatro consagro toda a minha sensibilidade.



O Teatro

O teatro foi sempre a minha vocação. Dei ao teatro muitas horas da minha vida. Tenho um conceito de teatro de certa forma pessoal e resistente. O teatro é a poesia que se levanta do livro e que se faz humana. E ao fazer isso, fala e grita, chora e se desespera. O teatro necessita que os personagens que aparecem em cena levem um traje de poesia e ao mesmo tempo é preciso que se vejam seus ossos, o sangue. Hão de ser tão humanos, tão horrorosamente trágicos e ligados à vida e ao dia com uma tal força, que lhes mostrem as traições, que se lhes apreciem os cheiros e que lhes saiam dos lábios toda a valentia de suas palavras cheias de amor ou de asco. O que não pode continuar é o que hoje sobe aos palcos levados pela mão dos seus autores. São personagens ocos, totalmente vazios, a quem só se pode ver através do colete um relógio parado, um osso falso ou um cocô de gato, desses que se encontram por aí. Hoje, na Espanha, a maioria dos autores e dos atores ocupam uma zona apenas intermediária. Escreve-se no teatro para os camarotes e não para o poleiro. Escrever para a plateia principal é a coisa mais triste do mundo.

O público que vai assistir fica frustrado . E o público virgem, o público ingênuo, que é o povo, não compreende por que se fala no teatro de problemas desprezados por ele nos pátios da sua vizinhança. Em parte os atores têm culpa. Não é que sejam más pessoas, mas ... "Ouça, Fulano, quero que você me faça uma comédia em que eu faça... eu mesmo. Sim, sim: eu quero fazer isso e aquilo. Quero estrear uma roupa de primavera. Adoraria ter vinte e três anos. Não se esqueça." E, assim, não se pode fazer teatro. Assim, o que se faz é perpetuar uma dama jovem através dos tempos e um galã apesar da arteriosclerose. (...)

59

O teatro é um dos mais expressivos e úteis instrumentos para a edificação de um país e o barômetro que marca sua grandeza ou a sua decadência. Um teatro sensível e bem-orientado (...) pode mudar em poucos anos a sensibilidade do povo; e um teatro destroçado, no qual as patas substituem as asas, pode embrutecer e adormecer uma nação inteira.

O teatro é uma escola de pranto e riso e uma tribuna livre onde os homens podem colocar, em evidência, morais velhas ou equivocadas e

explicar com exemplos vivos normas eternas do coração e do sentimento do homem.

Um povo que não ajuda e não fomenta o seu teatro, se não está morto está moribundo; como o teatro que não colhe a pulsação social, a pulsação histórica, o drama de suas gentes e a cor genuína de sua paisagem e de seu espírito, com riso ou com lágrimas, não tem o direito de chamar-se teatro. Não me refiro a ninguém nem quero machucar ninguém; não falo da realidade viva, mas sim do problema levantado sem solução.

60

Escuto todos os dias, queridos amigos, falar da crise do teatro e sempre penso que o mal não está diante dos nossos olhos, mas sim no mais escuro de sua essência: não é um mal de flor atual, ou seja, de obra, mas sim de profunda raiz, que é em suma, um mal de organização. (...)

O teatro deve se impor ao público e não o público ao teatro. Para isso, autores e atores devem revestir-se, a custa de sangue, de grande autoridade, porque um público de teatro é como as crianças nas escolas; adora o professor sério e austero que exige e faz justiça e enche

de agulhas cruéis as cadeiras em que se sentam os professores tímidos e adutores que não ensinam nem deixam ensinar.

Há necessidade de fazer isso para o bem do teatro. Há que manter atitudes dignas. O contrário seria matar as fantasias, a imaginação e a graça do teatro, que é sempre, sempre uma arte. Arte acima de tudo. Arte nobilíssima. E vocês, queridos atores, artistas acima de tudo. Artistas dos pés à cabeça, já que por amor e vocação subiram ao mundo fingido e doloroso do palco. Artistas por ocupação e preocupação, desde o teatro mais modesto ao mais importante se deve escrever a palavra "Arte" em salas e camarins, porque senão vamos ter que pôr a palavra "Comércio" ou alguma outra que não me atrevo a dizer. E trabalho, disciplina, sacrifício e amor.

Não quero dar-lhes uma lição porque me encontro em condição de recebê-la. Minhas palavras são ditadas pelo entusiasmo e pela segurança. Não sou um iludido. Pensei muito e com frieza, o que penso, e, como bom andaluz, possuo o segredo da frieza porque tenho sangue antigo. Sei que não possuo a verdade aquele que

diz “hoje, hoje, hoje”, com os olhos postos nas pequenas goelas da bilheteria, mas sim o que serenamente olha lá longe a primeira luz na alvorada do campo e diz “amanhã, amanhã, amanhã” e sente chegar a nova vida que se derrama sobre o mundo.

(...) Sabe outra coisa? Na arte não se deve nunca ficar quieto nem satisfeito. Há que ter a coragem de quebrar a cabeça contra as coisas e a vida... A cabeçada... depois a gente vê o que acontece... Já veremos onde está o caminho . Uma coisa que também é primordial é respeitar os próprios instintos. O dia em que se deixa de lutar contra seus instintos, esse dia em que se deixa de lutar contra seus instintos, nesse dia aprendemos a viver.



A Morte

Quero expressar o que passou por mim através de outro estado de espírito e revelar as longínquas modulações do meu outro coração. Isso que faço é puro sentimento e vaga recordação da minha alma de cristal. (...)

64

Cada dia que passa, tenho uma ideia e uma tristeza a mais. Tristeza do enigma de mim mesmo! Existe em nós um desejo de não querer sofrer e de bondade inata, mas a força exterior da tentação e a abrumadora tragédia da fisiologia se encarregam de destruir. Acredito que tudo que nos rodeia está cheio de almas que passaram, que são as que provocam nossas dores e são as que nos fazem entrar no reino onde vive essa virgem branca e azul que se chama Melancolia... ou seja, o reino da poesia.

Vivo rodeado de morte! De morte, de morte física. Da minha morte, da tua e da morte dele. Compreende? Digam-me: por que a morte me ronda? (...) Vim para isso?

A morte... Ah ! Em cada coisa há uma insinuação de morte. A morte está em todas as partes. É a

dominadora... A quietude, o silêncio, a serenidade são aprendizados. Há um começo de morte nos momentos em que estamos quietos. Quando estamos numa reunião, falando serenamente, olhe os sapatos dos presentes. Irão vê-los quietos, horrivelmente quietos. São objetos sem gestos, mudos e sombrios, que nesses momentos não servem para nada, estão começando a morrer... Os sapatos, os pés, quando estão quietos, têm um obsessivo aspecto de morte. Ao ver uns pés quietos, com essa quietude trágica que somente os pés sabem adquirir, a gente pensa : dez, vinte, quarenta anos mais e sua quietude será absoluta. Talvez uns minutos. Talvez uma hora. A morte está neles.

65

Não posso me deitar de sapatos na cama, como costumam fazer os que têm as articulações inchadas quando se põem a descansar. Quando olho meus pés , a sensação da morte me afoga. Os pés, assim apoiados sobre seus calcanhares, com as plantas voltadas para a frente, me fazem recordar os pés dos mortos que vi quando criança. Todos estavam nessa posição. Com os pés quietos, juntos, com sapatos sem estrear... E isso é a morte.

Agora descobri uma coisa terrível (mas não conte para ninguém). Ainda não nasci. No outro dia, observava atentamente o meu passado (estava sentado na poltrona do meu avô) e nenhuma das horas mortas me pertencia porque não fui eu quem as vivi, nem as horas de amor, nem as horas de ódio, nem as horas de inspiração. Havia mil Federicos Garcías Lorcas estendidos para sempre no desvão do tempo; e no armazém do futuro, contemplei outros mil Federicos Garcías Lorcas muito bem-passadinhos, uns sobre os outros, esperando que os enchessem de gás para voar sem direção. Foi este momento um momento terrível de medo, minha mãezinha Dona Morte me havia dado a chave do tempo e por um instante compreendi tudo. Eu vivo emprestado, o que tenho dentro não é meu, veremos se vou nascer.(...)



O Outono Outra vez

Temos que ir na ponta dos pés por este caminho de terra vermelha, bordado de figueiras, a uma reunião agrupada numa curva do monte. Bailam e cantam. Acompanham-se com violão, castanhola e ainda tocam instrumentos pastoris, pandeiros e triângulos.

São as pessoas que cantam as "roas" e as "alboreás" e as "cachuchas" e este "zorongo" que tanto influenciou a música de Manuel de Falla.

Zorongo

*Tengo los ojos azules
Tengo los ojos azules
Y el corazoncillo igual
Que la cresta de la lumbre*

*Las manos de mi cariño
te están bordando una capa
con agremán de alhelís
y con esclavina de agua.*

*Cuando fuiste novio mío,
por la primavera blanca,
los cascos de tu caballo
cuatro sollozos de plata.*

*La luna es un pozo chico,
las flores no valen nada,
lo que valen son tus brazos
cuando de noche me abrazan.*

Zorongo

*Eu tenho os olhos azuis
Eu tenho os olhos azuis
E o coraçãozinho igual
A uma crista de luz*

*As mãos deste meu carinho
Te vão bordar uma capa
Com o ponto de aleri
E com fios feitos d'água.*

*E quem namorou comigo
Numa primavera branca
Os cascos de seu cavalo
Quatro soluços de prata.*

*A lua é um poço triste
As flores não valem nada
O que valem são teus braços
Quando de noite me abraçam*

Chegamos ao último raio da roda.

A roda, que gire a roda.

O outono surge pelas alamedas.

E surgem as feiras com nozes, com açafreão, com multidão de marmelos, com torres de jalluyos e pães de açúcar da padaria do Corzo.

(...) É um canto confuso o que se ouve. É todo o canto de Granada ao mesmo tempo: rios, vozes, cordas, ramagens, procissões, mar de frutas e tchamtchamtchim de balanços.

70

*Anda jaleo, jaleo; ya se acabó el alboroto
y ahora empieza el tiroteo.*

Mas acabada a alegria e o outono com ruído de água vem tocando em todas as portas.

Tam, tam.

Quem é?

O outono outra vez.

O que quer de mim?

O frescor da tua face.

Não quero te dar.

Eu vou te tirar.

*Tam, tam.
Quem é?
O outono outra vez.*

Os canteiros de terra se enchem de mato com a primeira chuva. Como faz uma temperatura fresquinha as pessoas não vão aos jardins e Miracéu está sentado na sua mesa com um braseiro embaixo . Mas os crepúsculos enchem todo o céu; as enormes nuvens anulam a paisagem e as luzes mais raras patinam sobre os telhados ou dormem na torre da catedral. Outra vez ouvimos a voz da verdadeira melancolia:

71

Acontece que as crianças não querem ir à escola porque jogam pião.

Acontece que nas salas começam a acender lamparinas para o finados.

Acontece que estamos em novembro.

Há um cheiro de palha queimada e as folhas começam a apodrecer aos montes, lembram? Chove e as pessoas estão nas suas casas.

Mas no meio da Porta Real já se encontram várias lojinhas de tambores.

Uma menina de Armilla ou de Santa Fé ou de Atarfe, com um ano a mais, talvez vestida de luto, canta para os filhos de seus senhores:

<i>De los cuatro muleros</i>	<i>Dos quatro muleiros</i>
<i>que van al agua,</i>	<i>que vão buscar água,</i>
<i>el de la mula torda</i>	<i>o da mula malhada</i>
<i>me roba el alma.</i>	<i>me rouba a alma.</i>

<i>¿A qué buscas la lumbre</i>	<i>Por que buscas o lume</i>
<i>la calle arriba,</i>	<i>na rua de cima,</i>
<i>si de tu cara sale</i>	<i>se da tua cara</i>
<i>la brasa viva?</i>	<i>sai a brasa viva?</i>

72

Demos a volta ao ano. Assim será sempre. Antes e agora. Nós vamos e Granada fica. Eterna no tempo e fugitiva nestas pobres mãos do mais simples e pequeno de seus filhos.

Fim

Ficha Técnica

Roteiro

*José Mauro Brant e Antonio Gilberto
a partir de textos de García Lorca*

Tradução

Roseana Murray

Interpretação

José Mauro Brant

Direção

Antonio Gilberto

Cenografia e Figurino

Ronald Teixeira

Iluminação

Paulo César Medeiros

Direção musical

Sacha Amback

73

Arranjo e violão em *Zorongo*

Fábio Nin

Assistência de direção

Leonardo Arantes

Direção de cena

Ricardo Malheiros

Programação Visual

Maurício Grecco

Assessoria de imprensa

João Pontes e Stella Stephany

Direção de Produção Rio de Janeiro

Paulo Mattos

Direção de Produção São Paulo e Brasil

Lílian Bertin



Com 1 ano - 1899

Cronologia

1898

Nasce na aldeia de Fuente Vaqueros, Granada, em 5 de junho. Filho de Federico García Rodríguez, proprietário agrícola, casado em segundas núpcias com Vicenta Lorca Romero, professora primária.

1900

Entre 1900 e 1907 nascem dois irmãos e duas irmãs de Federico: Luís, morto em pequeno, Francisco, Concepción e Isabel. Aprende a ler com sua mãe.

75

1908

Vai morar em Almería onde ingressa no Instituto de Ensino Médio daquela capital. Seus divertimentos favoritos são *dizer* a missa e improvisar sermões e cerimônias religiosas para os meninos de sua idade.

1909

A família Lorca se muda para o centro de Granada, Federico volta de Almería e ingressa no Colégio do Sagrado Coração de Jesus.



Porta da escola de Fuente Vaqueros, de chapéu



Com 6 anos - 1904

Alterna os estudos secundários com os de música: violão, harmonia e piano. Começa a se interessar pelo folclore espanhol e pelos cancioneros. Um dia, o menino Federico viu na praça do povoado, um espetáculo de artistas mambembes. Aquilo transformou o menino, que chegando em casa construiu com sua imaginação e alguns trapos de papelão o seu próprio teatro. E ali, no seu palco de brinquedo, ele descobriu uma das suas paixões: o teatro de bonecos.

1915

78

Ingressa na Universidade de Granada estudando Filosofia, Direito e Letras. Conhece e trava relação pessoal com o catedrático de Direito Político, Fernando de los Ríos. Frequenta os meios artísticos e intelectuais da cidade.

1916

Excursões estudantis culturais pela Andaluzia e pelo resto da Espanha.

1917

Fantasia Simbólica seu primeiro trabalho em prosa publicado, aparece no Boletín del Centro Artístico e Literário de Granada.

1918

Impressões e Paisagens, primeiro livro em prosa, inspirado em parte pelas excursões de 1916. Viagem inicial à capital da Espanha onde espera ingressar na Residencia de Estudiantes. Entra em contato com alguns dos poetas da futura *geração de 1927*: Amado Alonso, Gerardo Diego, Pedro Salinas, Ciria, Guillermo de Torre, etc.

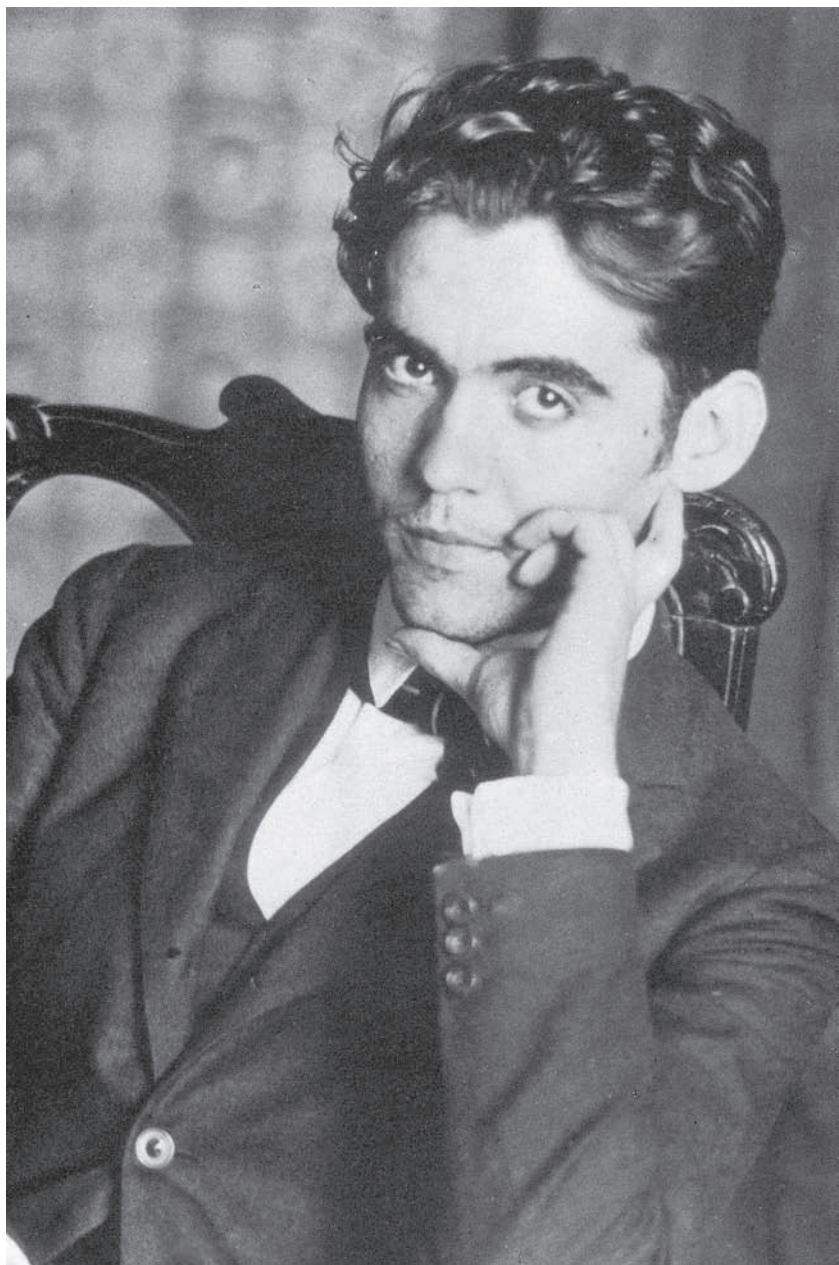
1919

Granada, primeira composição poética impressa, conhecida, aparece na revista granadina *Renovación*. Tem o subtítulo de Elegia humilde. Instala-se na Residencia de Estudiantes de Madri, que será seu domicílio na capital da Espanha até 1928. Prossegue os estudos de Direito. Conhece Manuel de Falla que, a partir de 1920, se mudará em definitivo para Granada.

79

1920

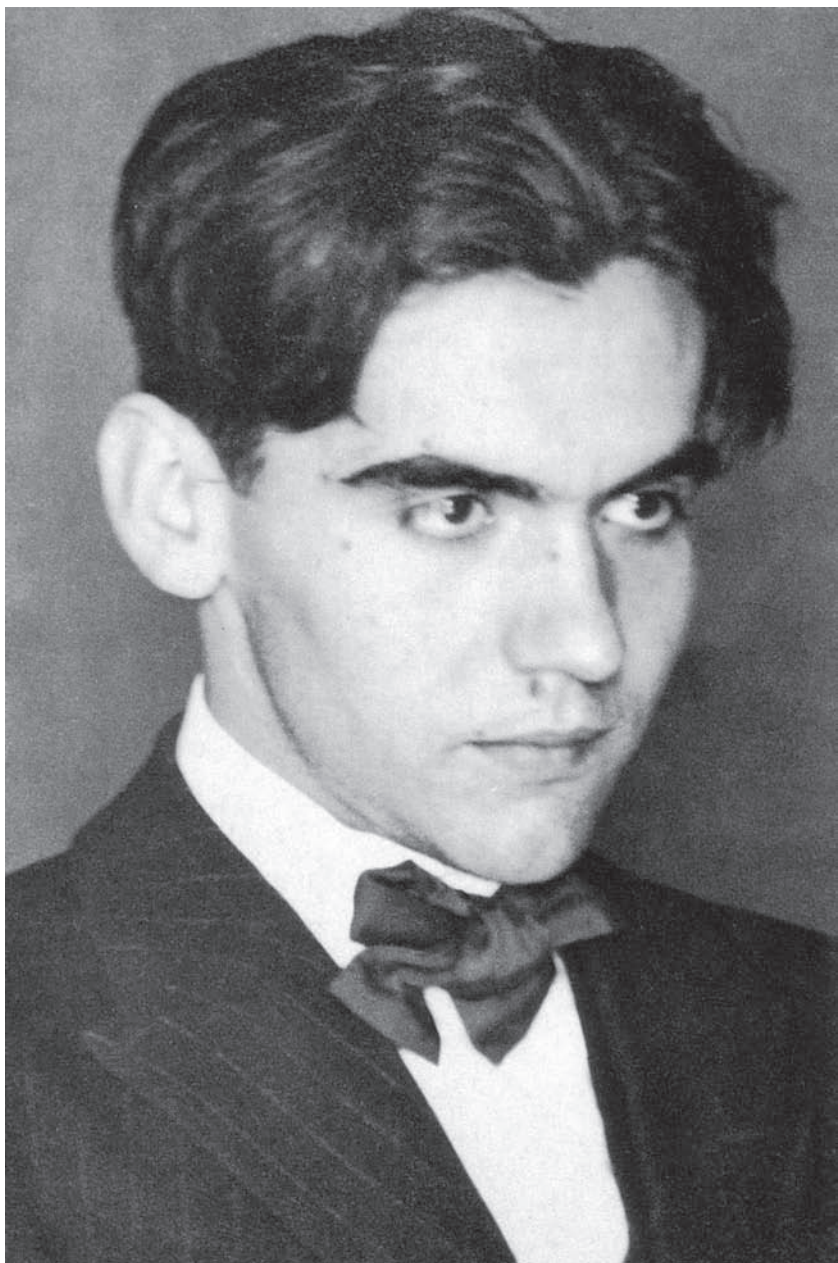
O Sortilégio da Mariposa, primeira obra teatral de Federico, estreia em Madri, mas a peça fracassa. Durante os verões granadinos cultiva a amizade de Manuel de Falla e a de Fernando de los Ríos, que anos depois promoveu sua viagem aos Estados Unidos, e aprovou, mais adiante,



Anos 1920



Anos 1920



Anos 1920

o projeto da *La Barraca*. Regressa a Madri e se matricula na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Central.

1921

Livro de Poemas, seu primeiro livro de versos, é editado em Madri. Colabora na revista Índice. No diário *El Sol*, aparece o primeiro artigo de crítica sobre a poesia de Federico, assinado por Adolfo Salazar.

1922

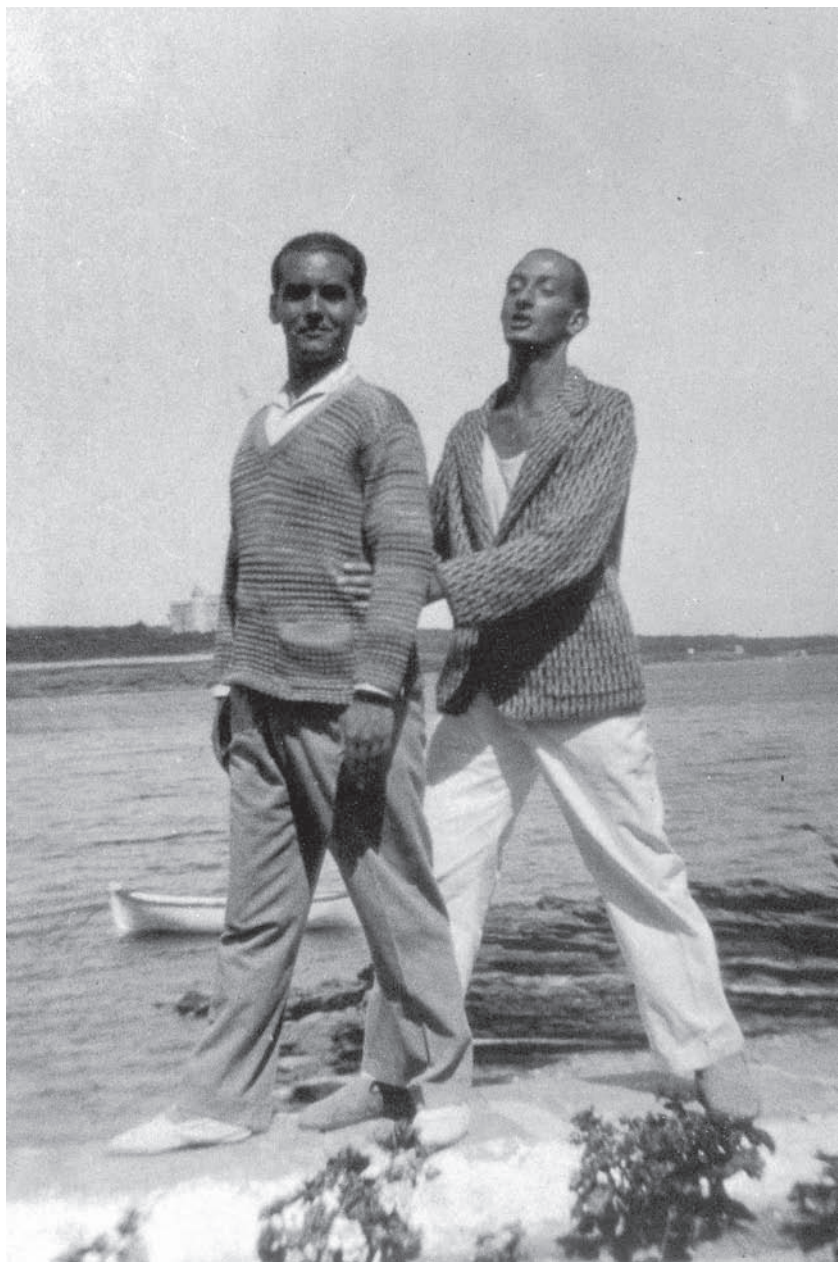
Conferência sobre o *Cante Jondo*, no Centro Artístico de Granada. Espetáculo de marionetes, organizado por Federico no qual pretende sondar a possibilidade de ser levado à cena com o *Retábulo de Mestre Pedro*, de Falla.

1923

Continua interessado pelo teatro de bonecos. Forma-se em Direito. Compõe e recita para os amigos os primeiros poemas do latente *Romanceiro Gitano*. Primeira leitura de *Mariana Pineda*. Reincorporado à Resistência madrilenha, conhece e inicia amizade com Salvador Dalí, ainda ignorado como pintor.



Com sua irmã Isabel



Com Salvador Dalí, Cadaqués - 1925



Com Salvador Dali, Madri - 1927



Com Salvador Dalí, Cadaqués - 1927

1924

Prossegue a composição de *Romanceiro Gitano* e registra a ideia de *Dona Rosita, a Solteira ou A Linguagem das Flores*. Trabalha no livro *Canções*. Conhece o pintor Gregório Prieto e o poeta Rafael Alberti, que serão seus grandes amigos.

1925

Termina, em Granada, *Mariana Pineda*. Escreve várias narrativas surrealistas: *Passeio de Buster Keaton* e *A Donzela, o Marinheiro e o Estudante*. Viaja em novembro à Catalunha e se hospeda em casa da família Dalí, em Cadequés.

88

1926

A Revista do Ocidente publica *Ode a Salvador Dalí*. Passa o verão em Granada, empreende a redação de *A Sapateira Prodigiosa*.

1927

Publica *Canções*. *Mariana Pineda* estreia em Barcelona com figurinos e cenários concebidos com a colaboração de Federico e Salvador Dalí. Em outubro a peça estreia em Madri. Entre as duas estreias, Federico expõe uma coleção de desenhos em Barcelona e veraneia em casa da família Dalí. Replaneja e concretiza em Grana-

da o projeto da revista literária de vanguarda Galo.

1928

Romanceiro Gitano, com poemas datados de 1924 a 1927, é publicado em Madri. Em fevereiro, foi publicada em Granada a revista Galo, dirigida por Francisco García Lorca, irmão do poeta, futuro diplomata, ensaísta e professor de literatura na América do Norte: o número 2 da revista aparece em abril e acaba.

1929

Amor de Dom Perlimplim com Belisa em seu Jardim. A peça teatral é proibida pela censura. Federico desfruta a popularidade e a estima nos palcos da capital espanhola. O autor parte para os Estados Unidos onde permanece até meados do ano seguinte. Antes de incorporar-se à Universidade de Columbia passa por Paris, Londres, Oxford e Escócia. Começa *O Poeta em Nova Iorque*.

89

1930

A Sapateira Prodigiosa estreia em Madri. O poeta havia regressado dos Estados Unidos e de Cuba onde esteve convidado pela Institución

Hispano-Cubana de Cultura para dar um ciclo de conferências. Lê para amigos *Assim que Passem Cinco Anos* e *O Público*.

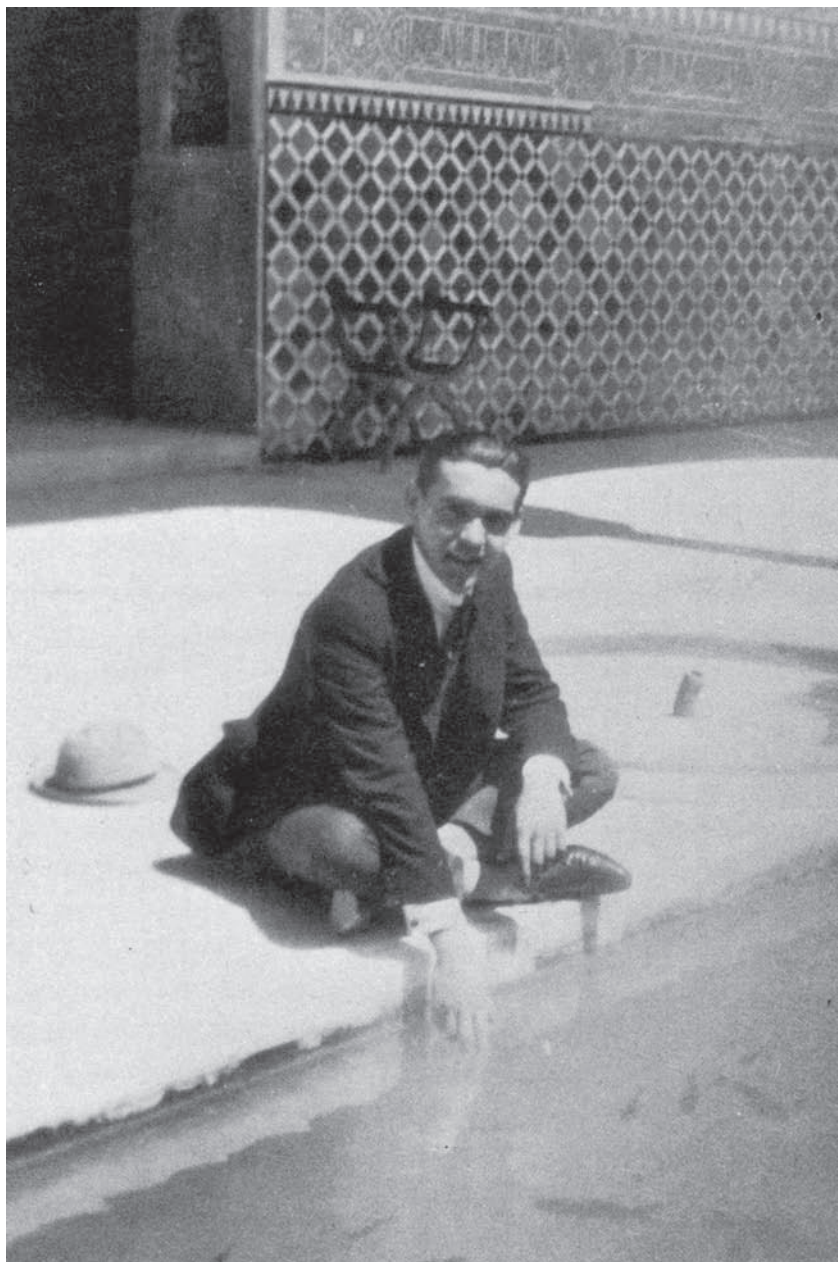
1931

Poema do *Cante Jongo* é editado em Madri. O país derrota a monarquia nas urnas e dá vitória à Republica. Federico participa de entusiastas e pacíficas manifestações populares que aclamavam o novo regime. Trabalha no *Divã do Tamarit* e, ao mesmo tempo, expõe os primeiros projetos para fundar o teatro universitário ambulante *La Barraca*. Grava com a cantora e bailarina Encarnación López Julvez, La Argentinita, uma série de discos de música folclórica espanhola sendo este o único registro de Lorca tocando piano.

90

1933

Estreia em Madri *Bodas de Sangue*. Trabalha em vários livros de poesia, projeta uma trilogia dramática da qual *Yerma* seria a segunda peça. Sua família transfere-se para Madri. Desembarca em Buenos Aires convidado para dar conferências, recitais e dirigir as representações de algumas de suas obras. Primeiro encontro com Pablo Neruda.



Na Alhambra - 1927



Em Cuba - 1930



Em La Barraca

1934

Retábulo de Dom Cristóvão, farsa de títeres, estreia em Buenos Aires. *Yerma* estreia em Madri no Teatro Espanhol. A permanência de Federico em Buenos Aires se dilata até final de março. Antes de retornar, visita o Uruguai. O navio faz uma escala no Rio de Janeiro onde é presenteado com uma bandeja de borboletas brasileiras por Alfonso Reyes, então embaixador do México. Em Madri, reencontro com Pablo Neruda; idas ao norte da Espanha com *La Barraca*.

94

1935

Pranto por Ignacio Sánchez Mejías é publicado. Em Barcelona estreia de *Dona Rosita* no teatro Principal Palace. Estrondoso sucesso: personalidades, políticos, intelectuais, artistas, público acolhem e aplaudem o poeta granadino que triunfa em Barcelona. As vendedoras de flores das *Ramblas* o reconhecem e o rodeiam agradecendo uma das representações da comédia, dedicada ao sindicato delas. Durante o veraneio em Granada pretende terminar *Divã do Tamarit*.



Com La Argentinita



Em Montevideu - 1934



Com sua mãe, Vicenta - 1935



Madri, 17 de abril de 1936

1936

Primeiras Canções / Bodas de sangue (edição) /
A Casa de Bernarda Alba (leitura).

Em julho, poucos dias antes de rebentar a guerra civil, foi realizada nova leitura da peça em Madri.

Na segunda quinzena de julho, estoura a guerra civil. Todos os artistas e intelectuais de esquerda deixam o país. Quase no *último trem de Madri*, o poeta recusa um convite de Margarita Xirgu para se refugiar no México e escolhe voltar à sua Granada. Instala-se na Huerta de San Vicente, casa de veraneio que a família possui nos arredores. Federico vive oculto, uma vez que estava sendo perseguido pelos fascistas.

Em agosto, consegue fugir da casa de campo para se refugiar na cidade, na casa do poeta Luis Rosales. Em 16 de agosto, o poeta é descoberto e preso. Horas, ou dias depois, conduziram o poeta ao pé da Serra de Alfacar ao lado de uma fonte chamada pelos mouros de Ainadamar ou fonte de lágrimas. Lá, foi fuzilado e enterrado em uma fossa aberta em pleno campo, sob as oliveiras. Desconhece-se a data exata do crime.

O atestado de óbito, redigido quatro anos depois, em 1940, explica: *...faleceu no mês de agosto de 1936 em consequência de feridas causadas por ação de guerra...* Seu corpo nunca foi encontrado. Em Granada, Federico García Lorca virou *terra e flores*.

Fortuna Crítica

O Triunfo da Simplicidade

Bárbara Heliadora – O Globo

*“Federico García Lorca: Pequeno Poema Infinito”
acerta ao focar na emoção.*

O espetáculo “Federico García Lorca: Pequeno Poema Infinito”, em cartaz no Teatro de Arena da Caixa Econômica, é o triunfo da simplicidade. Voltado para a vida e o pensamento de Lorca mais do que para sua obra mais conhecida, poética e dramática, tudo é focado na emoção básica do amor de Lorca por Granada. O roteiro elaborado por José Mauro Brant e Antonio Gilberto pinçou de diários e outros escritos do poeta, um conjunto harmônico que condiz com a sinceridade e a simplicidade das palavras de Lorca.

Reconhecendo as belezas naturais e arquitetônicas de Granada, nestes textos Lorca fala de uma contínua redescoberta de sua cidade natal, em um roteiro que começa no outono e se estende pelas quatro estações até voltar ao ponto no

qual começou. Para Lorca a cidade não vive pelo que a faz famosa, mas, por seus cheiros, seus gostos, seus cantos populares, sua trágica mortalidade infantil, sua compassiva afeição pelos que vivem em pobreza digna. Os palácios da cidade para ele são apenas fontes de evocação de mortos e tradições, e cada estação tem suas comemorações e lembranças, com os sinos e tambores servindo de baixo contínuo para essa emocionante visita à cidade. Colabora bem com o todo a tradução de Roseana Murray.

102

Parte importante das lembranças e emoções de Lorca, a visita é interrompida por suas grandes digressões, uma sobre o teatro e outra sobre a morte. É com considerável habilidade que o roteiro trata esse assunto do texto, revelando partes fundamentais da visão das coisas que tem o poeta, conseguindo mesclar bem o visitante e a visitada.

A encenação é exemplar; tanto o lindo cenário de Ronald Teixeira, com seu tapete evocando uma terra quente e rica, quanto a descrição do figurino e a bonita luz de Paulo César Medeiros seguem a mesma simplicidade dos textos, propiciando uma imensa empatia entre palco e

plateia. O espetáculo é ideia por muito tempo acalentada e amadurecida, e a direção de Antonio Gilberto encontra o tom certo para que tome vida essa viagem sentimental de García Lorca à sua terra, trazendo seu intérprete para perto do público, mas sem exageros, e deixando-o isolado em seus sentimentos quando necessário.

José Mauro Brant sorveu tudo o que podia a respeito de Federico García Lorca, e sua atuação parece toda empenhada em captar a sinceridade e a simplicidade do amor de Lorca por sua bela Granada, que lhe provoca na alma o desejo de ser "bem menino, bem pobre, bem escondido". Um belo espetáculo.

Emocionado retrato do genial Lorca

“Federico García Lorca: pequeno poema infinito”

Lionel Fischer – Tribuna da Imprensa

Assassinado pelos fascistas, que temiam muito mais sua caneta do que a possibilidade de ele empunhar uma arma, Federico García Lorca (1898-1936) deixou uma obra poética extraordinária, e uma não menos brilhante obra teatral, na qual se incluem pelo menos três obras-primas: “Bodas de sangue”, “Yerma” e “A casa de Bernarda Alba”. Mas o presente espetáculo tem por foco o homem, bem menos conhecido do que o fantástico legado artístico que nos deixou.

104

Com roteiro assinado por José Mauro Brant e Antonio Gilberto, “Federico García Lorca: pequeno poema infinito” exhibe textos do genial artista andaluz, que abordam recordações da infância, sua amorosa relação com Granada e reflexões sobre a vida e o teatro, dentre outros temas. Em cartaz na Caixa Cultural, a montagem leva a assinatura de Antonio Gilberto, cabendo a Brant viver o protagonista.

Estruturado como uma palestra, o espetáculo nos mostra, inicialmente, a paixão de Lorca pela música – o personagem canta algumas canções típicas de sua região, acompanhando-se ao piano. Aos poucos, as recordações da infância se tornam dominantes e, mais adiante, o personagem envereda por caminhos mais reflexivos, mas sempre impregnados do lirismo e paixão que caracterizam toda a sua obra. E como todos os textos são de Lorca, a plateia tem acesso a uma mente brilhante, de rara sensibilidade e vigorosa capacidade de refletir sobre o seu tempo.

105

Quanto ao espetáculo, este é realizado de forma a valorizar ao máximo todos os conteúdos implícitos. Impondo à cena uma dinâmica simples e austera, mas, ao mesmo tempo, impregnada de delicadeza e poesia, Antonio Gilberto consegue nos oferecer um retrato pertinente e emocionado daquele que todos incluem no seleto rol dos maiores poetas e dramaturgos de todos os tempos.

No que se refere a José Mauro Brant, o ator exibe uma performance irretocável, tanto nas passagens em que o personagem apenas con-

versa com a plateia quanto naquelas em que, tomado de visível emoção, aborda temas que o mobilizam de forma visceral. Tão eficiente nas partes cantadas como nos momentos em que o texto predomina, Brant ratifica seu enorme talento, ainda não inteiramente reconhecido pelo grande público e pelos veículos de comunicação, o que desejamos sinceramente que mude a partir desta maravilhosa atuação.

Na equipe técnica, destacamos o ótimo trabalho de todos os profissionais envolvidos – Roseana Murray (tradução), Paulo César Medeiros (iluminação), Ronald Teixeira (cenário e figurino) e Sacha Amback (direção musical).

Lorca em Sutil Composição

Macksen Luiz – Jornal do Brasil

Federico García Lorca – Pequeno Poema Infinito, em temporada na Caixa Cultural, não pretende analisar a obra do poeta e dramaturgo espanhol, mas capturá-lo no voo libertário do homem. No roteiro, assinado pelo diretor Antonio Gilberto e pelo ator José Mauro Brant, inclui-se palestra de Lorca sobre Granada, a cidade síntese de suas vivências, sobretudo as da infância, e motor poético de sua obra, além de entrevistas, poemas e canções, procurando fixar o “presente trêmulo” e alcançar a “medula da música”.

107

A sonoridade que se extrai dessas palavras adquire tom onírico em que o odor da terra e as lembranças da morte e das injustiças encharcam sua voz de melancolia e indignação. A fúria contida, que se esconde por entre silêncios de hipocrisia, e o atordoamento pelos mistérios das memórias surgem neste roteiro como uma elegia às frestas do que o poeta pressentia em si.

O “lago alucinante de vulgaridades” em que estamos mergulhados se contrapõe aos “dias

que deixamos de lutar contra os instintos, para aprendermos a viver". Neste intervalo de sentimentos, Lorca aparece na compilação cênica da dupla como um palestrante cheio de desejos e impelido por caudal de palavras que expressam um turbilhão interior que se revela por desvãos.

O diretor Antônio Gilberto desenhou montagem sutil e delicada, sem procurar ênfases ou destacar momentos, preferindo se concentrar nas palavras. A forma é quase a de uma palestra ilustrada em que se estabelece a comunicação com o público através do que se ouve. Mas nem por isso a direção deixa de encenar o que é dito.

108

O ator, um Lorca que transita pela contenção da fala para ressoar a explosão verbal, evita com o mesmo formalismo, tão bem marcado pelo figurino, qualquer tentativa de criar uma atmosfera andaluza. O despojamento, tanto do roteiro quanto da interpretação, se estende à cenografia de Ronald Teixeira, que, usando cores terrosas e dispondo de poucos elementos cênicos (piso, painel e piano), preenche o espaço com discretas projeções que se complementam pela iluminação sensível de Paulo César Medeiros.

O diretor apenas não consegue resolver muito bem a disposição do espaço da Caixa Cultural, concentrando as marcas com uma frontalidade que privilegia apenas uma das três áreas ocupadas pelos espectadores.

José Mauro Brant se mantém em linha de atuação quase expositiva – assumindo o papel de palestrante –, contrabalançada pela intensidade camuflada do poeta. O Lorca que o ator projeta não busca a dramaticidade, mas a tensão interior, subjacente às palavras e, neste registro, José Mauro Brant afaga o que o poeta escreveu.

Nós Vamos e Granada Fica

Marcelo Mello, no site Agurrás

Federico García Lorca – Pequeno Poema Infinito, em cartaz no Teatro de Arena da Caixa Cultural, é uma homenagem ao poeta e dramaturgo espanhol que dá título ao espetáculo. Não exatamente retratando sua vida e obra, mas tentando captar seu pensamento, seu espírito – suas memórias e sonhos, a ligação íntima com sua gente, o seu amor às palavras, a admiração pela cultura popular, particularmente, a música, e, antes de tudo, a relação visceral com Granada, sua terra natal. Federico García Lorca, autor de *Romancero Gitano*, livro de poemas, e de peças como *Bodas de Sangue*; *Yerma*; *Dona Rosita, a Solteira*; *A Casa de Bernarda Alba*; fundador do grupo La Barraca, nasceu em 1898 e morreu precocemente em 1936, assassinado pela ditadura franquista durante a Guerra Civil Espanhola, o que torna ainda mais contundente sua contribuição humana e artística.

O roteiro (sobre textos de Lorca: uma conferência de 1933, fragmentos de entrevistas, poemas

e canções) de José Mauro Brant e Antonio Gilberto, respectivamente intérprete e diretor do espetáculo, apresenta um Lorca sempre atento para o que o rodeia, seja a natureza, sejam os homens. Muito bem traduzido por Roseana Murray, o texto valoriza a sonoridade e o poder da linguagem, linha mestra da obra do poeta espanhol. Revela também, em primeira mão, alguns traços muito particulares de Lorca: o contato com aquilo que o emociona – a pobreza de seu povo, a admiração pela bravura com que sua gente enfrenta a miséria, o respeito pela arte popular, suas considerações sobre a morte, reflexões sobre o teatro e a poesia. Lorca exigia do teatro uma grande força vital e uma conexão com o povo. Alertava os atores a serem como alguns professores, mantendo sempre uma atitude digna e severa com seu ofício, a pensarem não apenas no “hoje da bilheteria”, mas no amanhã, no amanhã, no amanhã.

111

O espetáculo é um monólogo, no qual o único ator interpreta, canta e toca piano. José Mauro tem domínio das palavras, sabe o que está fazendo e falando. Nada se perde do que é dito e as imagens sugeridas pelo texto se tornam concre-

tas na interpretação de Brant. Talvez o grande amor do ator pelo texto, seu grande apreço ao autor, às vezes lhe deem um tom cerimonioso com as palavras, respeitoso demais, e falte uma maior embriaguez do intérprete, uma emoção à flor da pele. Em vários momentos, essa febre parece estar presente no ator, mas nem sempre atinge o público. José Mauro transmite maior carga dramática quando canta e toca piano. Ali transparece com mais clareza o combate interior de uma alma emocionada que tem que se expressar artisticamente e, portanto, deve aprender a administrar seu excesso trágico. Como o próprio Lorca revela, o poeta não sabe o que é poesia e a palavra deve se tornar carne viva. E viver é deixar de lutar contra os instintos. A direção musical de Sacha Amback é delicada, e as canções populares dão um toque muito especial ao espetáculo, facilitando o entendimento da alma do poeta e recuperando o ambiente de Granada.

A cenografia e o figurino, assinados por Ronald Teixeira, trazem à cena o essencial: um tapete de folhas, um tronco, um piano coberto por um pano bordado com desenho de Lorca. Destoa, no entanto, a presença de uma pequena árvore

no canto da cena. Parece estranho um elemento real dentro de um ambiente que apenas sugere, nunca demonstra. Os olivais, já sugeridos pela iluminação, não precisavam de um exemplo tão real como o vaso de planta. O ator veste um terno claro, inspirado em fotografias do próprio Lorca.

A direção opta por um tom delicado, sensível e sem estardalhaços. O grande mérito do roteiro e direção é devolver o valor à linguagem, fundamental para as plateias de hoje que muitas vezes estão atentas apenas ao que veem e nem sempre ao que ouvem. O prólogo da peça traz um convite para preparar os ouvidos e espantar o tédio. Mesmo assim, ainda há uma dificuldade inicial de interação do público com o que está sendo dito no palco, mas o domínio do intérprete, o auxílio luxuoso da música e a intervenção expressiva da iluminação de Paulo César Medeiros contribuem para que o contato se realize. A luz é companheira de José Mauro em cena, com focos recortados que às vezes sugerem trilhas, projeções que lembram os olivais, pequenas lâmpadas representando as estrelas, o azul que traz a noite, as lamparinas que evocam a sim-

plicidade, e um belo efeito que dá uma sombra quádrupla de José Mauro, quando Lorca está se aproximando da "morte", como se realmente esse homem fosse um pequeno poema infinito. O outono da morte roubou o frescor da sua face, mas não assassinou o grande homem que ele foi. Como o próprio poeta revela, vivemos nesse mundo emprestados. Nós vamos e Granada fica.

A Consciência Poética de García Lorca

Latuf Isaias Mucci

“Sea próxima o lejana, española o sarracena, no hay ni una sola ciudad que se atreva con Granada, la bonita, el premio de la belleza. Ni ninguna que despliegue con más gracia más bellos destellos de oriente bajo esfera más serena”. (Víctor Hugo)

Em março de 1930, Federico García Lorca (1899-1936) vai a Cuba, aí permanecendo até 13 de junho do mesmo ano, onde é saudado por Rafael Suárez Solís como “o primeiro lírico da atualidade espanhola”, um contexto no qual fulguram, segundo o jornalista cubano, Alberti, Bergamín e Salinas. O espetáculo “Federico García Lorca, pequeno poema infinito”, em cartaz, de 22 de março a 10 de abril, no Caixa Cultural, do Rio de Janeiro, com direção de Antônio Gilberto e interpretado por José Mauro Brant, confirma o lirismo absoluto do dramaturgo do *Romancero gitano* (1928), bem como sua atualidade na cena da poesia universal. Artista plural – dramaturgo, poeta, artista plástico, musicista –, o

mais famoso filho de Granada desejou transferir para a literatura o método musical de Manuel de Falla, traduzindo, em sua poesia e drama, o “canto profundo” do povo e fazendo convergir, numa síntese maravilhosa, as correntes líricas da Espanha, tanto na poesia popular de Lope de Vega quanto no lirismo precioso de Góngora. Fazendo feliz alquimia entre poesia, drama, música, o espetáculo carioca apresenta e representa a arte visceral de Federico (nome como o poeta gostava de ser chamado). Em cena, um jovem ator, maduro na arte da representação teatral, encarna, esplendidamente, o artista granadino, dando voz a seus poemas, fragmentos de conferência, cantando canções populares de Espanha, executadas ao piano. Qual toureiro que dança na arena do teatro, José Mauro Brant, leitor inveterado de Mário de Andrade, catalisa sobre si todos os olhares da plateia, atenta e atônita perante uma arte absoluta. Impossível não se envolver, sem temer o risco de se perder para sempre, na corrente da poesia que emana do texto e das canções. Estruturado a partir da produção de García Lorca, o texto do espetáculo constitui-se numa amálgama de poesia e prosa, teoria sobre o teatro, reflexões sobre a poética,

teorização sobre o fazer poético, narrativa em torno da cidade de Granada, configurando, ao fim e ao cabo, uma mandala que, além de seduzir, intensamente, o espectador, fá-lo refletir sobre a angústia do ser moderno e, *a fortiori*, do ser contemporâneo. Ninguém sai impune de uma leitura de poesia, da participação de uma peça teatral, da contemplação de uma obra plástica, tampouco está imune ao vírus da arte, que desvia o curso da corrente sanguínea. O texto apresentado, com o título retirado de um poema, escrito em 10 de janeiro de 1930, tem a tradução de Roseana Murray, cuja poesia impregna a poesia de Lorca, travando um diálogo amoroso, em que não se deslinda a obra original da tradução, embora a poeta carioca se pergunte perplexa: “Mas como se pode traduzir um poeta que escreve com água, vendaval, arco-íris e sangue?” Ledo engano de Roseana, que, com sua arte de tradução, mistura águas, vendavais, arco-íris e jorros de sangue de sua própria poesia com a poesia do poeta que cantou Nova York, ícone da modernidade mais angustiante. Eu quase apostaria dizer que a tradutora terá convivido, não se sabe onde nem quando, com o cidadão do “Reino de Granada”.

Na torrente avassaladora do texto teatral, quiçá o espectador queira notar certa desconexão, se ele não se agarrar, com unhas e dentes, ao fio condutor que a poesia vai tecendo no corpo tortuoso do espetáculo. No espetáculo inteiro não se ressalta a tragicidade em que se converteu, por determinação de uma ditadura, a vida do poeta, acusado de ser “mais perigoso com a caneta do que outros com o revólver”. Embora a morte tenha rondado, o tempo todo, a criação de Lorca, seu discurso tem uma natureza absolutamente lírica, celebratória de sua cidade, gozosa do ser humano, jubilosa da arte. A morte trágica do poeta não terá colocado um ponto-final em sua arte. O espetáculo do Caixa Cultural reafirma a perenidade do poema infinito de Federico García Lorca. Como muito bem lembra Antônio Gilberto, eis a autodefinição do poeta: “Sou um grande romântico e este é o meu maior orgulho. Num século de zepelins e de mortes estúpidas, soluço diante do meu piano sonhando na bruma Haendeliana e faço versos muito pessoais, cantando tanto Cristo quanto Buda, Maomé ou Pan. Por lira tenho meu piano e, em vez de tinta, suor de desejo, pólen amarelo da minha açucena interior e meu grande amor”.

O lirismo revolucionário e profético de Lorca há de pulsar perenemente, numa tensão de pura paixão e terna nostalgia da infância perdida, que a poesia encenada fervorosamente resgata, a partir do poeta de sua cidade: *"En Granada se limita el tiempo, el espacio, el mar, la luna, las distancias... hay necesidad de limitar, de domesticar los términos intensos"*. Ou, então, como gosta de cantar Juan Arias, andaluz-saquaremense: *"Quién no ha visto Granada, no ha visto nada. Como Granada no hay nada"*.

Latuf Isaias Mucci: Pós-doutor em Letras Clássicas e Vernáculas (USP), doutor em Poética, mestre em Teoria Literária (UFRJ), mestre em Ciências Sociais (Université Catholique de Louvain, Bélgica). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Letras e em Ciência da Arte, da UFF. proflatuf@saquarema.com.br ; proflatuf@uol.com.br

Fruição e Senso Crítico

Leonardo Davino

Eu estava preparando um texto sobre outro assunto, para postar aqui no blog, mas depois que assisti ontem à estreia do monólogo *Federico Garcia Lorca: Pequeno Poema Infinito*, e diante de tamanha beleza e de uma interpretação tão segura e delicada, eu não poderia ficar quieto. Pelo contrário, fiquei extremamente inquieto e perturbado com tudo que vi e senti durante a apresentação.

120

Segundo o texto de divulgação: “A peça foi criada a partir de uma conferência de Lorca, *Como Canta Uma Cidade de Novembro a Novembro*, realizada em 1933, em que o poeta falou de sua terra natal, Granada. Através da descrição do movimento contínuo das estações do ano, do folclore musical, das tradições do povo e das paisagens, Lorca revela suas mais marcantes experiências como artista e cidadão granadino.”

Confesso, talvez pela formação acadêmica que, se nos deixa sensíveis por um lado, torna-nos “insensíveis” por outro, fazia tempo que eu não

experimentava uma sensação de inquietude tão profunda, no entanto consciente, diante de uma obra de arte.

Nos tempos em que se tenta discutir o que é o belo e/ou por que temos medo do belo, o ator, José Mauro Brant (foto) e seu diretor, Antonio Gilberto, conseguiram a medida certa do belo, sem medos ou arremedos, no soturno da obra de um artista grande e complexo como Lorca.

Com um bom currículo (está em cartaz também com o musical *Aracy Cortez: A rainha da praça Tiradentes*, que também já vimos, Carlos e eu), o ator conseguiu fluir num texto de pouco mais de uma hora – tratando de poesia, teatro, vida, folclore e costumes granadinos... –, sem perder as singularidades e sutilezas do personagem, os movimentos sutis, referenciando a introspecção e a melancolia de alguém sempre cutucado pela morte e a entonação vocal (ele canta e conta piano durante o espetáculo).

O roteiro tem uma visão, digamos, bem brasileira dos textos de Lorca, sem o “peso dramático” que teria caso fosse escrito por um espanhol, oferecendo leveza às densidades dramático-introspec-

tivas do texto composto por inversões sintáticas interessantes, cobrando do ator maior trabalho de marcação, seja na luz algo transcendental de Paulo Cesar Medeiros, seja na cenografia de Ronald Teixeira.

Me emocionei alguns vezes, ri outras tantas, confesso que foi algo de catarse mesmo, de pura e nada simples fruição.

Claro que foi visível algum nervosismo, vez por outra. Afinal era a estreia!

122 Todavia foi, sem dúvida alguma, algo extremamente tocante, seja pelo poder de causar a fruição do espectador, seja por realmente ter qualidade artística para calar qualquer crítica mais fria.

Por fim, ficou ressoando em mim, dentre tantos questionamentos, estas palavras do Lorca, vivenciadas brilhantemente pelo ator José Mauro Brant: "O Teatro é a poesia que se levanta do livro e que se faz humana..."

Singelos relatos de um granadino

Alessandra de Paula, 9/4/2007

“Por lira tenho meu piano e em vez de tinta, suor de desejo, pólen amarelo da minha açucena interior e meu grande amor.” Este é um trecho do monólogo **Federico García Lorca: Pequeno Poema Infinito**, em cartaz no Teatro de Arena da Caixa Cultural. A peça, que traz José Mauro Brant na pele de Lorca, é baseada em uma conferência realizada em 1933, além de poemas e fragmentos de entrevistas do poeta que cantava o amor pela vida e pela terra querida, Granada.

123

No cenário simples, composto por um tapete cor de terra e um piano, Brant passeia pelas quatro estações, interpretando Lorca com delicadeza e emoção. A veracidade de seus gestos deve-se, certamente, ao interesse antigo pelo autor. Convidado pelo Sesc, em 1998, ele levou para as ruas de São Paulo o espetáculo **Canção para Lorca**, inspirado em La Barraca, modelo de companhia de teatro dirigida pelo espanhol. Brant viajou por mais de 40 cidades mostrando para o povo um pouco da obra de Lorca. Guiado por

uma espécie de “chamado”, dois anos depois ele arrumou as malas e viajou para mais longe ainda.

“Fui para a Europa com o espetáculo **O Turista Aprendiz**, inspirado no diário de viagem de Mário de Andrade. A última apresentação da peça foi em Roma e decidi aproveitar para visitar Granada. Acabei voltando em 2003 e morando lá por seis meses. Várias coincidências me ligam à cidade. Em Granada conheci uma sobrinha de Lorca. Um dos músicos que trabalhava comigo casou-se com uma granadina. Chamei Granada e ela entrou na minha vida. Lá me sinto em casa, é o único lugar do mundo onde eu moraria”, ressalta.

124

Ainda no rol das coincidências, Brant conta que o diretor Antonio Gilberto sempre lhe dizia que pensava no ator para um determinado projeto. Quando soube que o futuro espetáculo era sobre Lorca, Brant ficou muito surpreso. Unidos pelo mesmo desejo, a dupla mergulhou mais profundamente na obra do autor.

“A pesquisa dos textos foi basicamente minha. Eu contava as histórias para Antonio, o que acabou, de certa forma, incorporado à peça.

Nada era mais importante para nós do que ouvir Lorca e dividimos isso com o público. Ele foi um dos primeiros artistas a dar voz para setores da sociedade que eram considerados como escória. Em **Bodas de Sangue**, por exemplo, os ciganos têm nome. Lorca era apaixonado pelo teatro, para ele o teatro é a poesia que se levanta dos livros. Colocamos na peça um trecho em que ele reclama do teatro que está mais perto do comércio do que da vida”, conta o ator.

Além de “conversar” com o público, Brant também canta e toca piano. O canto já faz parte da carreira do artista, que estreou nos palcos em 1988 na peça **Theatro Musical Brasileiro**, de Luiz Antonio Martinez Corrêa. O ator também participou dos musicais **Dolores** e **Metralha**. Como contador de histórias, Brant ganhou o Prêmio Tim de Música pelo espetáculo **Contos, Cantos e Acalantos**.

“Cantar sempre foi minha praia, porém, eu não sabia tocar piano, para isso tive que estudar”, revela.

Federico García Lorca: Pequeno Poema Infinito mescla várias paixões. Lorca amava Granada e tinha uma profunda compaixão pelo povo da-

quela cidade e, por que não, de todas as cidades do mundo. Já Brant e Antonio Gilberto foram conquistados há anos pela obra do autor. Da mistura de tanto amor e interesse sincero, só poderia nascer uma peça assim, bela e singela. Certamente o espanhol ficaria feliz.

Lorca triunfa nos teatros do Rio

Juan Arias, correspondente do jornal El País

Tradução: Alessandra de Paula – 5/4/2007

Um monólogo com textos do poeta alinhava suas ideias sobre a arte, a vida, a morte e suas lembranças de Granada

Os teatros do Rio de Janeiro voltaram a se apaixonar por Lorca. O espetáculo **Federico García Lorca: Pequeno Poema Infinito** é um sucesso de público e crítica no Teatro de Arena da Caixa Cultural, no centro da cidade, onde estreou no dia 24 de março. O êxito é tanto que outros teatros já demonstram interesse em receber a peça.

127

Segundo o jornal O Globo, que no dia 31 de março dedicou a primeira página do Segundo Caderno à montagem, a obra, cujo protagonista e único autor, o jovem José Mauro Brant, que encarna a figura do poeta granadino, constitui a “revelação teatral da temporada”.

Bárbara Heliodora, tradutora de Shakespeare no Brasil e considerada a deusa temível da crítica na cidade, foi só elogios para o jovem autor que, em

um monólogo de 70 minutos, durante os quais fala de Granada, da vida e da morte, da poesia e da arte, da pobreza e da dor, consegue enfeitiçar o público que a cada noite lota o teatro.

Para Heliodora trata-se do “triunfo da simplicidade” e ela qualifica a obra como uma viagem sentimental de García Lorca a sua terra. “A atuação do ator parece toda empenhada em captar a sinceridade e simplicidade do amor de Lorca por sua bela Granada, que lhe provoca na alma o desejo de ser bem menino, bem pobre, bem escondido. Um belo espetáculo.”

128

A crítica elogiou a tradução para o português dos textos de Lorca, a cargo da poeta Roseana Murray. Os espectadores afirmam, de fato, que Lorca parece falar em português, sem perder nada da força original de sua poesia. A tradutora, que em um primeiro momento havia declinado da oferta, por considerar a densidade poética de Lorca muito difícil de traduzir, expressou assim sua perplexidade no fôlder de apresentação da peça: “Como traduzir um poeta que escreve com água, vendaval, arco-íris e sangue?”.

A obra, dirigida por Antonio Gilberto, um grande profissional de teatro, tem uma história de coincidências. Ele e Brant, que com esta peça se consagra definitivamente no mundo do teatro, tiveram a mesma ideia, sem saber um do outro, de levar para o teatro a reencarnação de García Lorca através de seus próprios textos.

Um ator que imita a pedagogia teatral de Lorca

Apesar da juventude, Brant pode ser considerado um veterano em Lorca. Ele percorreu os caminhos por onde o poeta passou, desde Granada à Argentina e mergulhou no seu espírito e em sua poesia. Há oito anos, o ator levou uma imitação de **La Barraca** de Lorca para dezenas de cidades brasileiras que nunca tinham visto teatro.

129

Ator completo, em seu monólogo sobre Lorca, Brant recita, canta músicas populares do poeta granadino e dá vida aos ares andaluzes. Não existe no texto uma palavra que não seja de Lorca. O ator foi alinhavando textos de antigas conferências e entrevistas do poeta, nos quais apareciam premonições de sua morte. E é precisamente quando Lorca, escondido em Brant, fala da morte, dos sapatos novos nos pés imóveis

dos mortos da Andaluzia, é que o público se encolhe e prende a respiração. Um público que nenhum dia deixa o ator acabar o monólogo sem interrompê-lo de pé com aplausos e gritos. O crítico e catedrático Latuf Isaias, especialista em teoria literária, escreveu sobre Brant: “leitor inveterado de Mario de Andrade, catalisa sobre si todos os olhares da plateia, atenta e atônita perante uma arte absoluta”. A descrição que Lorca faz de Granada através de seus cheiros, de seus sabores, das águas de seus rios, de sua pobreza digna, apaixona tanto os espectadores que alguns, ao sair, confessam a vontade de ir diretamente ao aeroporto “para conhecer essa Granada encantada de Lorca”.

Um breve ensaio sobre a peça de teatro Federico García Lorca: pequeno poema infinito

Quando el rio es lento y se cuenta com uma buena bicicleta o caballo si es posible bañarse dos (y hasta três, de acuerdo com las necesidades higiénicas de cada quien) veces en el mismo rio.
(Augusto Monterroso)

Alluana Ribeiro (08 de abril de 2007)

De uma das 50 nascentes de Granada brota a primeira lágrima. Com o vento, desliza pelo rosto, pelas encostas, ganha força e vira rio de três margens. Ao acariciar cada uma delas a água faz um som diferente – ritmo forte de correnteza. E nós estamos *naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.**

É novembro, mas nesta Granada venta nas quatro estações. A brisa refresca quando o menino e a menina loira catam pedrinhas brancas, mas causa frio quando ela precisa ficar nua para lavar sua única roupa. Frio no corpo da menina, no coração do menino, frio no teatro. Todos vestem seus casacos mas a menina não tem o que

vestir. Venta e tudo que não é mais necessário se desfaz. Resta apenas a poesia e o respeito ao que as coisas comunicam com o auxílio das palavras. *Ah menina, você vai ser como sua mãe e seus filhos vão ser como você...*

Resta um respeito de criança, de um *pobre garoto apaixonado e silencioso que, quase como o maravilhoso Verlaine, tem dentro uma açucena impossível de regar. O rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre.* E ele não pode dar palavras nem água para sua flor. Mas quando o ancinho penetrou o solo seco, abriu caminhos para o ar entrar. A terra se tornou rarefeita, leve, cheia de poesia. Ali Lorca encontrou sua arte.

132

Façam completo silêncio, paralitem os negócios, garanto que uma flor nasceu. Sua cor não se percebe. Suas pétalas não se abrem. Seu nome não está nos livros. Ela nasceu do que é suficiente. Garanto que uma flor nasceu: a açucena de Lorca apareceu quando Zé abriu as janelas e ventou no teatro.

Índice

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Introdução – José Mauro Brant e Antonio Gilberto	11
Prólogo	15
Granada	19
Outono	25
Minha Aldeia	27
Inverno	31
Infância	35
Pobreza	41
Primavera	47
Verão	54
O Teatro	58
A Morte	64
O Outono Outra vez	68
Cronologia	75
Fortuna Crítica – O Triunfo da Simplicidade	101
Emocionado retrato do genial Lorca	104
Lorca em Sutil Composição	107
Nós Vamos e Granada Fica	110
A Consciência Poética de García Lorca	115
Fruição e Senso Crítico	120
Singelos relatos de um granadino	123

Lorca triunfa nos teatros do Rio	127
Um breve ensaio sobre a peça de teatro Federico García Lorca: pequeno poema infinito	131

Crédito das fotografias

Acervo José Mauro Brant 10, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98

Alexandre Ramos 39, 40

Leo Aversa 13, 14, 57, 63, 67

Marian Starosta 23, 24, 29, 30, 33, 34, 53

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muiyaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Org. Luiz Antônio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:

Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoadada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e

Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schwarzman

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílabas

Adélia Nicolette

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera

*Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso
– Pólvora e Poesia*

Alcides Nogueira

*O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro
veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro*

Ivam Cabral

*O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma*

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista – O Fingidor – A Terra Prometida

Samir Yazbek

Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arllete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética

Reni Cardoso

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

***Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 152

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Teatro Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Editoração	Fátima Consales
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Sárvio Nogueira Holanda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brant, José Mauro

Federico García Lorca : pequeno poema infinito / roteiro de José Mauro Brant e Antonio Gilberto ; palavras de Federico García Lorca ; tradução Roseana Murray. -- São Paulo : Imprensa Oficial, 2009.

152p.: il. – (Coleção aplauso. Série teatro Brasil / coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-743-0

1. García Lorca, Federico, 1898-1936 2. Escritores espanhóis – Biografia I. Gilberto, Antonio. II. Ewald Filho, Rubens. III. Título. IV. Série.

09-06961

CDD 928.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritores espanhóis : Vida e obra 928.6

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2009

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109
Demais localidades 0800 0123 401

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

editoração, ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 2799-9800 - 0800 0123401
www.imprensaoficial.com.br

Revelar a alma de **Federico García Lorca**. Esse foi o objetivo de **José Mauro Brant**, ator e autor, e **Antonio Gilberto**, premiado diretor da cena teatral carioca e autor do livro de Dina Sfat, ao se entregarem à elaboração deste *Pequeno Poema Infinito*.



Lorca (1898-1936) é um dos mais famosos poetas de língua espanhola, no século 20. Nascido na Andaluzia, estudou Direito em Granada, mas foi em Madrid que ficou amigo de Salvador Dalí e Luis Buñuel. Socialista, escreveu poemas e peças teatrais célebres (*A Casa de Bernarda Alba*, *Bodas de Sangue*, *Yerma*). Em agosto de 1936, sem julgamento, foi assassinado pelos nacionalistas católicos e seu corpo jogado num ponto da Sierra Nevada.



Baseando-se em uma conferência de Lorca, datada dos anos 1930, os autores se utilizam apenas das palavras do próprio poeta para descrever uma de suas grandes paixões: sua terra natal, Granada.



Este texto, encenado com sucesso no Rio de Janeiro e São Paulo, mostra a cidade de Granada por meio das estações do ano, revelando as diversas faces da alma do poeta. Mais um grande lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, em seu trabalho de resgate e preservação da memória cultural brasileira

ISBN 978-85-7060-743-0



9 788570 607430